

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Administração

Breno Giordane dos Santos Costa

**AGRICULTORES DO ASFALTO:
consumo alimentar, práticas sociais e caminhos para transformações de vida**

Belo Horizonte

2019

Breno Giordane dos Santos Costa

**AGRICULTORES DO ASFALTO:
consumo alimentar, práticas sociais e caminhos para transformações de vida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Rezende Pinto.

Linha de Pesquisa: Estratégia e Marketing.

Belo Horizonte

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C837a Costa, Breno Giordane dos Santos
Agricultores do asfalto: consumo alimentar, práticas sociais e caminhos para transformações de vida/ Breno Giordane dos Santos Costa. Belo Horizonte, 2019.
97 f. : il.

Orientador: Marcelo Rezende Pinto
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Administração

1. Agricultura urbana. 2. Agricultura orgânica 3. Alimentos naturais. 4. Consumidores. 5. Sociedade de consumo. 6. Qualidade de vida. 7. Marketing - Administração. I. Pinto, Marcelo Rezende. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 339.4

Breno Giordane dos Santos Costa

**AGRICULTORES DO ASFALTO:
consumo alimentar, práticas sociais e caminhos para transformações de vida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Administração.

Linha de Pesquisa: Estratégia e Marketing.

Prof. Dr. Marcelo Rezende Pinto – PPGA PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Ramon Silva Leite – PPGA PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Daniel Carvalho de Rezende – PPGA UFLA (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 24 de outubro de 2019

AGRADECIMENTOS

Fui inicialmente tomado pelas práticas concernentes a um mestrando quando iniciei as disciplinas isoladas no ano de 2017. Foi um ano leve, mas onde desbravei algumas nuances do marketing e do consumo. As práticas se consolidaram em mim definitivamente no ano de 2018 após ser aprovado como aluno regular do Mestrado em Administração da PUC Minas.

As práticas são assim: praticando, descobrimos o como e o porquê. Porém, infelizmente algumas práticas não são tão boas, e é nesse momento que temos pessoas brilhantes e demasiadamente especiais que nos ajudam quando perdemos o equilíbrio. No meu caso, pessoa. Há aquela pessoa que empurra, encoraja e freia. Que está disposta a desbravar caminhos espinhosos junto com você. No meu caso, pessoa Lorena, minha esposa. Significa Amor.

Não posso deixar também de agradecer em especial ao meu orientador Doutor Marcelo Rezende Pinto que, além de me iluminar as veredas dos estudos do consumo, desbravou comigo o mundo das práticas sociais, testando meus limites. Obrigado! Não menos importante, o professor Doutor Ramon Silva Leite, que na sua serenidade é certeiro nas observações e contribuições. Obrigado também a todos os brilhantes professores que me deram o privilégio de aprender um pouco mais com suas práticas.

Neste espaço – talvez o único no qual me sinto totalmente livre em um trabalho acadêmico –, em que reconheço e agradeço o esforço e a dedicação do corpo docente que conheci, posso me dar a liberdade de pedir para que não desistam da docência e da ciência. Nunca! Vocês são brilhantes e não é o tempo de um obscurantismo crescente ou de pedidos de guilhotina a professores e pesquisadores que irá nos deixar cabisbaixos, desanimados ou desamparados. A todos os docentes desta fantástica universidade, minha reverência.

“E os segredos da canastra, ele lembrasse, eram mais segredos do como que segredos do porquê, aliás o como de se achar o porquê, já que o porquê – estava nos segredos – é descoberto com a prática de cada um, e eles estavam praticando.”

João Ubaldo Ribeiro

RESUMO

Esta dissertação teve como ponto de partida duas grandes abordagens teóricas para suportarem uma investigação empírica no campo dos estudos do consumo, mais especificamente, no campo da *consumer culture theory*. As duas temáticas que formam o referencial são: a teoria da prática e as redes alimentares alternativas. Toda a estrutura adotada teve como objetivo desvendar como a vida dos consumidores que produzem seus próprios alimentos em áreas urbanas foram transformadas por meio das práticas sociais. Para responder ao problema de pesquisa, o objeto empírico selecionado foi a horta comunitária do bairro Granja Verde, em Betim/MG. Foram adotados métodos de estratégias qualitativas para a investigação, o que é aderente, principalmente, à literatura da teoria da prática. A observação participante e as entrevistas individuais se demonstraram complementares nessa estratégia metodológica, compondo o *corpus* com as anotações do diário de campo, as gravações das entrevistas e suas transcrições. Para analisar os dados foi adotada a análise de conteúdo de origem francesa, que desvendou os discursos e suas associações dentro da prática da agricultura urbana. Alguns achados emergiram e formaram as três categorias de análise que utilizei. A primeira delas diz respeito à melhoria da saúde dos consumidores; a segunda, à melhoria do estado de se sentir bem (o sentimento do indivíduo é o que importa neste caso); por último, foram analisados os conflitos que a prática da agricultura urbana trava frente à outras. Foi possível concluir que o consumidor que produz seu próprio alimento na horta urbana do bairro Granja Verde na cidade de Betim entra em uma nova prática social composta por uma rede de significados e atividades. A imersão nessa nova configuração de prática traz a este consumidor melhorias em sua saúde e no sentimento de estar bem. O trabalho avança na teoria com o preenchimento de três lacunas teóricas, sendo: (1) a atualização do circuito da prática proposto por Magaudda (2011); (2) a criação de um esquema teórico integrativo inédito para a teoria da prática; e (3), no caso dos estudos brasileiros, a utilização da teoria da prática como lente teórica de trabalhos empíricos que investiguem a agricultura urbana.

Palavras-chave: teoria da prática, práticas sociais, redes alimentares alternativas, agricultura urbana, cultura e consumo.

ABSTRACT

This work is anchored in two great theoretical approaches to underpin an empirical investigation in the field of consumer studies, specifically, in the field of consumer culture theory. The two ones are practice theory and alternative food networks. All the structure adopted here aimed to reveal how the consumers that produce their own food got their lives transformed by social practices. To answer the research problem I selected the community garden located in the city of Betim, Minas Gerais state. Two methods of qualitative strategies have been adopted. This kind of strategies fits very well in the studies of practice theory. On the other hand, the participant observation and individual interviews showed to fit in each other as well, forming the *corpus* of research with the notes of the field diary, records and its transcriptions. To analyse that has been adopted the french discourse analysis, which revealed the discourses and their associations inside the practice of urban agriculture. Some things emerged from the data and formed the categories adopted here. The first one is the improvement of consumers health. The second one is the improvement of the feeling of being good (the individual feeling is the point of interest). The final one is the conflict that the practice of urban agriculture struggles against others. I concluded that the consumer that produce his or her own food in the community garden of Granja Verde neighbourhood in Betim enters in a new social practice formed by a web of activities and meanings. The immersion in this new set of practice brings to the consumer some improvements in his or her health and the feeling of being good. The work contributes to the theory with three filling theoretical gaps: (1) the update of the practical circuit developed by Magaudda (2011); (2) the construction of the integrative theoretical scheme to the practice theory; and (3), in the case of Brazilian studies, the use of the practical theory as lens to observe empirical phenomenon of urban agriculture.

Keywords: practice theory, social practices, alternative food networks, urban agriculture, consumption and culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFN	Alternative Food Networks
AUP	Agricultura Urbana e Periurbana
CAISAN	Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional
CC	Circuito Curto
CCB	Cultura e Consumo no Brasil
CCT	Consumer Culture Theory
CEMIG	Companhia Energética de Minas Gerais
COPASA MG	Companhia de Saneamento de Minas Gerais
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EnANPAD	Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
PIC	Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares
PLANSAN	Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
RAA	Rede Alimentar Alternativa
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
SPELL	Scientific Periodicals Eletronic Library
SUS	Sistema Único de Saúde
TP	Teoria da Prática

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Problema de pesquisa.....	19
1.2 Objetivos.....	20
1.3 Justificativa e relevância.....	20
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
2.1 A Teoria da Prática.....	25
2.1.1 <i>Constituição das práticas sociais.....</i>	26
2.1.2 <i>Exemplos de trabalhos empíricos.....</i>	31
2.1.3 <i>Estudos do consumo e teoria da prática.....</i>	33
2.1.4 <i>O circuito da prática.....</i>	35
2.2 Redes alimentares alternativas e a agricultura urbana.....	38
2.2.1 <i>A agricultura urbana e periurbana, as práticas sociais e suas mudanças.....</i>	42
3 METODOLOGIA.....	45
3.1 O posicionamento epistemológico.....	45
3.2 Estratégia de pesquisa.....	45
3.3 Estratégia de coleta de dados.....	46
3.3.1 <i>O objeto empírico e o local da pesquisa.....</i>	47
3.3.2 <i>A construção do roteiro de entrevista.....</i>	49
3.3.3 <i>A chegada ao campo e a seleção dos entrevistados.....</i>	50
3.4 Corpus de pesquisa e estratégia de análise: analisando discursos.....	52
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	57
4.1 A saúde como benefício tangível.....	57
4.2 O sentir bem como benefício intangível.....	62
4.3 Entre conflitos e disputas.....	66
4.4 Traçando o circuito da prática.....	69
4.4.1 <i>Objetos e consumos tangíveis.....</i>	71
4.4.2 <i>Atividades.....</i>	73
4.4.3 <i>Significados.....</i>	75
4.4.4 <i>Nexo, “colando” os elementos anteriores.....</i>	77
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
Referências.....	91
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista final.....	97

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca explorar dois campos de investigação e relacioná-los para desvendar questões sobre o consumo. Tais campos são: (a) a teoria da prática (TP) e (b) as redes alimentares alternativas (RAAs). A TP será utilizada como lente para, na etapa empírica, lançar o olhar sobre a agricultura urbana e periurbana (AUP, uma configuração específica de RAA) e, mais especificamente, sobre a horta comunitária do bairro Granja Verde em Betim/MG.

As RAAs, de uma forma geral, são configurações de atores e práticas sociais para o consumo alimentar *alternativo*. O alternativo, neste ponto, diz respeito às formas de provimento que permitem a proximidade entre produtores e consumidores no canal de distribuição limitado nas extremidades pela díade produção-consumo (Goodman, 2004). Além disso, também há de forma marcante nas configurações de RAAs a contestação dos canais tradicionais de distribuição associados às grandes indústrias (Goodman, DuPuis & Goodman, 2014). Há diferenças, contudo, de redes que se configuram em contextos europeus, norte americanos e brasileiros, como foi detalhado por Darolt, Lamine, Brandenburg, Alencar e Abreu (2016). Por isso, se torna importante um estudo localizado no contexto brasileiro para, assim, analisarmos suas especificidades.

A TP surge nas ciências sociais em um contexto de exploração de novas abordagens culturalistas, com o esgotamento, segundo os autores do campo, da visão durkheimiana e neoclássica do fenômeno social (Reckwitz, 2002a). Para a TP, a unidade básica que dá coesão ao fenômeno social são as práticas, que acontecem de formas rotinizadas e são portadas pelos indivíduos no dia a dia de suas ações (Schatzki 2008; Giddens, 2013). As práticas, dessa forma, se colocam como algo distinto de estruturas sociais que estão além da ação dos indivíduos, mas também não dão poder ilimitado a estes dentro do arranjo social (Giddens, 2013). Pelas lentes da TP, todavia, é possível observar como ocorrem as transformações de significados, atividades e objetos em um contexto e qual o papel do consumo nesse processo (Warde, 2005; Magaudda, 2011). As transformações de significados, atividades e objetos no caso da horta comunitária do bairro Granja Verde foram analisadas por este trabalho e será possível ver os detalhes na análise dos resultados.

A TP, utilizada como lente de observação do fenômeno das RAAs, aparece como uma solução para integrar definitivamente a produção com o consumo, pois essas configurações (RAAs) podem ser entendidas como comunidades de práticas onde as pontas da díade produção-consumo acabam se influenciando mutuamente (Goodman *et al.*, 2014). Em relação

às RAAs, Goodman (2002), em um artigo de abertura de uma edição especial do *journal Sociologia Ruralis*, cujo esforço foi de criar uma visão integrativa da entre produção e consumo, alertara que neste campo o último sempre foi tido como uma “caixa preta” e que as questões culturais e simbólicas do ponto de vista do consumidor surgiram apenas como “lampejos” – já que os estudos sempre estiveram ancorados do lado da produção. Ao abordar, sob a lente da TP, o consumidor-produtor como a menor configuração de uma RAA possível, trarei as transformações vividas pelos indivíduos, que passam por aspectos tangíveis de saúde, de sentimento de bem-estar, dentre outros.

Abordagens semelhantes já foram utilizadas por autores internacionais (Kontothanasis, 2017; Veen, 2015; Crivits & Paredis, 2013). Contudo, a literatura nacional parece focalizar questões de acesso a alimentos saudáveis e relacionadas ao bem-estar dos indivíduos envolvidos (Branco & Alcântara, 2011; Araújo & Machado, 2018) sem articular a AUP com a TP para observações empíricas. Abordagens parecidas, principalmente no contexto brasileiro, podem potencializar pesquisas em hortas comunitárias e configurações semelhantes devido à característica das práticas sociais de se capilarizarem em outras esferas das vidas dos indivíduos. Por isso, pretendo, ao utilizar a TP como lente teórica, investigar as transformações na vida dos consumidores que se envolveram de alguma forma com a produção dos próprios alimentos a partir da horta comunitária do bairro Granja Verde.

A abordagem teórica utilizada, juntamente com a observação empírica, irá desaguar, conseqüentemente, na *consumer culture theory* (CCT) (Arnould & Thompson, 2005), por utilizar uma visão epistemológica interpretativista, explorando aspectos simbólicos do consumidor, bem como suas complexidades socioculturais. Este trabalho também é coerente com o esforço de Pinto e Batinga (2018) de criar um campo de estudos do consumo genuinamente nacional sem, contudo, romper com a tradição de pesquisa internacional, lançando luz em fenômenos sócio-histórico-culturais localizados. Esta corrente teórica que intenta ser genuinamente brasileira é denominada pelos autores de cultura e consumo no Brasil (CCB).

Em relação ao objeto empírico selecionado, outras observações também dão suporte à sua escolha, como o trabalho descritivo sobre o acesso a frutas e hortaliças – e políticas públicas – na cidade de Belo Horizonte/MG de Lopes, Menezes e Araújo (2017). Os autores discutem que um importante indicador da alimentação saudável é o consumo de frutas e hortaliças e que o consumo deste tipo de alimento está diretamente relacionado com o acesso e a configuração do território, como a disponibilidade de feiras-livres, sacolões e supermercados. Outra pesquisa de grande alcance (538 entrevistas) realizada na cidade de

Santos, São Paulo, demonstra como que a percepção da disponibilidade de comércios que tenham frutas e vegetais frescos em vizinhanças pode aumentar a probabilidade das respectivas famílias se alimentarem com alimentos pouco processados (Vedovato, Trude, Kharmats & Martins, 2015). Não é possível deixar de lado, contudo, questões culturais que influenciam essa busca por alimentos saudáveis (Truchero, 2015), mas é importante ressaltar que também há indicações de que fatores geográficos atuam na intenção de compra.

Por isso, o Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PLANSAN) busca fomentar circuitos locais e regionais de produção de alimentos. Nesse contexto, a utilização do solo em áreas urbanas para a produção de frutas e hortaliças torna-se uma importante ação no âmbito da segurança alimentar e nutricional e está englobada pelas metas do II PLANSAN (Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional [CAISAN], 2018).

Sabe-se também que desde o início dos anos 2000 o governo federal passou a financiar a implementação de hortas urbanas e periurbanas como política de redução da pobreza e segurança alimentar (Branco & Alcântara, 2011). Há uma indicação, portanto, de que o surgimento de RAAs e o desenvolvimento da agricultura urbana pode criar novas práticas e reconfigurar práticas existentes no que diz respeito ao consumo alimentar, proporcionando mudança na qualidade de vida local, como demonstram pesquisas empíricas no campo da saúde (Ribeiro, Bógus, & Watanabe, 2015; Costa, Garcia, Ribeiro, Salandini, & Bógus, 2015).

A configuração de pesquisa aqui adotada articula, portanto, (a) a TP com as práticas sociais existentes (como as que envolvem o consumo de alimentos) e suas alterações ao longo do tempo com (b) a existência de RAAs com suas configurações que permitem a redução da distância entre produtores e consumidores com o foco na (c) produção de frutas e hortaliças em espaços urbanos. Com isso, o problema de pesquisa se desenha de forma a seguir.

1.1 Problema de pesquisa

Após esboçar o ponto de partida do trabalho com sua lente teórica, cabe definir o seguinte problema de pesquisa que será solucionado neste percurso: *Como o consumidor de alimentos que produz rotineiramente parte de sua própria dieta em locais de agricultura urbana tem a vida transformada por meio das práticas sociais?*

1.2 Objetivos

Os objetivos se articulam de forma a responder o problema da seguinte forma:

Objetivo geral: compreender como o consumidor de alimentos que produz rotineiramente parte de sua própria dieta em locais de agricultura urbana tem sua vida transformada por meio das práticas sociais.

Objetivos específicos: 1) desvendar as transformações tangíveis na vida dos indivíduos que se envolveram com a agricultura urbana; 2) desvendar as transformações intangíveis na vida dos mesmos indivíduos; 3) identificar os conflitos existentes no contexto da agricultura urbana do bairro Granja Verde; 4) descrever as transformações das práticas sociais no contexto do objeto empírico se utilizando do modelo proposto por Magaúda (2011).

1.3 Justificativa e relevância

Entender o fenômeno da agricultura urbana e das práticas envolvidas em torno da atividade, além da transformação que essa rede alimentar causa na vida dos indivíduos (com a criação de novas práticas e a reconfiguração de práticas existentes) torna-se relevante no contexto brasileiro, já que há interesse por parte do Estado, como demonstra o II PLANSAN 2016-2019 (CAISAN, 2018) com sua diretriz clara para o desenvolvimento da agricultura urbana e periurbana como forma de garantir a saúde alimentar e nutricional da população.

Destaco que a horta se localiza em uma região pouco privilegiada dentro da configuração urbana estabelecida pela Região Metropolitana de Belo Horizonte. Essa característica faz com que o objeto pesquisado se diferencie de projetos de redes alternativas que estão localizados em bairros privilegiados, como de fato acontece na cidade de Belo Horizonte no caso de feiras-livres e sacolões municipais (Lopes *et al.*, 2017). Estou de acordo com o que propõe Goodman *et al.* (2014) que políticas justas que envolvam as RAAs devam ter como princípio a inclusão dessas regiões. Dentro dessa rede criada, que envolve produção, consumo, comércio, poder, etc., pesquisei a configuração mais curta possível entre produção e consumo: aquele consumidor que produz seu próprio alimento se utilizando, para isso, da horta urbana.

Esse achado é coerente com a crítica, no nível internacional, sobre até que ponto as ações e os discursos de consumir alimentos produzidos localmente são conspícuos, excludentes e privilegiam uma classe média branca, seja definindo os padrões de qualidade,

seja devido aos altos preços cobrados pelos produtos comercializados (Goodman *et al.*, 2014). É relevante, portanto, que trabalhos que busquem desvendar as práticas do consumo alimentar tenham um olhar direcionado a regiões menos nobres e mais periféricas. Por fim, um olhar atento sobre os resultados aqui apresentados pode ter relevância para gestores públicos em geral cuja preocupação seja a saúde e o bem-estar da população. Contudo, investimentos privados com finalidade social também podem ocupar esse vácuo gerado tanto pela indústria de alimentos quanto pelas entidades governamentais.

A primeira lacuna teórica que este trabalho pretende preencher diz respeito à literatura brasileira concernente à agricultura urbana (e também às RAAs). Como disse anteriormente, não foi possível localizar artigos nacionais que realizam uma abordagem empírica dessas configurações produtivas sob a lente da TP. Uma busca realizada pelo portal Periódicos Capes pelos termos “agricultura urbana” *AND* “teoria da prática” em “qualquer” parte do filtro dos artigos da base não encontrou resultados. Uma busca com os mesmos critérios no portal SCIELO também não encontrou tais trabalhos. Explorar essa interseção da agricultura urbana com a TP pode ser um caminho teórico para que se possa entender de forma mais abrangente e completa as transformações pelas quais os indivíduos que produzem seus próprios alimentos podem passar. Dessa forma, como demonstro adiante na análise dos resultados, questões que vão muito além do nutricional e do acesso podem surgir em pesquisas que tenham essa abordagem teórica.

A segunda lacuna teórica que preencho diz respeito ao trabalho de Magaudda (2011). O autor cria um modelo de base para que se possa traçar o circuito da prática, ou seja, para mapear os pontos de inflexão pelos quais a prática é transformada. O autor se utiliza de conexões bilaterais para unir os objetos, significados e atividades da prática, porém, essas conexões são melhor entendidas quando nos pautamos pelos elementos do nexos, detalhadamente explicados por Schatzki (2008). Pretendo substituir as setas bilaterais pelos elementos do nexos, pois uma prática só é possível existir por meio da existência deles. Todos esses pontos serão desdobrados no decorrer do trabalho, e o novo circuito proposto será discutido na seção 4.4.

O terceiro avanço que este trabalho propõe diz respeito à TP. Apesar de seminais no campo, os trabalhos de Giddens e Bourdieu não tratam os elementos das práticas sociais de uma forma tão didática quanto Schatzki (2008). Foi só depois de ler o seu trabalho, de ter contato com o circuito de Magaudda (2011) e de me debruçar sobre as pesquisas empíricas de Elizabeth Shove e seus colegas que pude desenhar um esquema integrativo. Com esse esquema, pretendo unir o micro ao macro das práticas sociais e, além disso, auxiliar

pesquisadores iniciantes no campo a desvendar suas nuances. Além disso, pode ser um ponto de partida para pesquisas empíricas. Na seção 2.1.1 detalho a construção do esquema e a relação entre seus elementos.

Por fim, esta discussão se faz relevante pela potencialidade da aplicabilidade da TP no campo do consumo e, de forma mais abrangente, do marketing, tendo em vista que os objetos de consumo são fundamentais na dinâmica de configuração das práticas sociais (Warde, 2005, 2014; Røpke, 2009; Halkier, Katz-Gerro, & Martens, 2011). Além disso, uma pesquisa pelo termo *teoria da prática* nas bases de dados nacionais resulta em um baixo número de artigos encontrados. Uma pesquisa realizada em junho de 2019 encontrou o seguinte resultado: SPELL: 0 artigos (desde 1989, entre aspas, busca em periódicos de administração em títulos, ou resumos ou palavras-chave); SCIELO: 4 artigos, sendo um deles em um *journal* de antropologia (em toda a base, entre aspas, busca pelo termo em títulos, ou resumos ou assuntos); Anais do EnANPAD: 5 artigos (sem aspas e sem filtro); Revista Brasileira de Marketing: nenhum artigo (sem aspas e sem filtro); Portal Periódicos CAPES: 16 trabalhos (entre aspas, em 20 anos, em títulos ou assuntos de artigos). Nota-se, portanto, um potencial de publicação para trabalhos realizados com esta temática no Brasil.

Uma busca realizada no portal Periódicos CAPES em junho de 2019 pelo termo *redes alimentares alternativas*, entre aspas, no período de 20 anos, em títulos ou assuntos de artigos, não encontrou resultados. Já a procura pelo termo em inglês *alternative food networks*, entre aspas, no mesmo período de tempo, em títulos ou assuntos de artigos, encontrou 172 trabalhos, dos quais nenhum deles publicados em periódicos de administração (nem mesmo de administração pública, que poderia ser uma área interessada). Em sua maioria são periódicos que tratam da sociologia rural, meio ambiente, agricultura e geografia. Contudo, isso não significa que as RAAs não sejam tratadas em publicações de administração sob outro nome como *canais curtos de distribuição*, dentre outros. Esta busca demonstra apenas que o termo *alternative food networks* (AFN) tem uso em outras áreas do conhecimento e pode ser estratégico se apropriar desta expressão em trabalhos de administração (ou da expressão em português, como utilizada aqui). Já com relação à configuração específica de RAA tema deste trabalho, foram realizadas buscas pelo termo *agricultura urbana* em algumas bases e o resultado foi: SPELL: 0 artigos (entre aspas, em título, ou resumos ou palavras-chave de artigos); SCIELO: 11 artigos (entre aspas, em títulos, ou resumos ou assuntos de artigos); portal Periódicos Capes: 176 artigos (entre aspas, em 20 anos, em títulos ou assuntos de artigos), mas nenhum do campo da administração ou marketing.

Como contribuição para a CCB, este trabalho propõe fomentar a discussão sobre a questão alimentar e seus significados dentro do contexto brasileiro que, como veremos adiante, é bastante diferente do contexto europeu, americano ou oriental. Não podemos discutir questões alimentares dentro dos estudos do consumo de forma generalizada. O referencial teórico que veremos passa por estudos localizados em diversas partes do mundo. Portanto, pesquisas como esta, em regiões geograficamente localizadas, auxiliará a construir o entendimento do fenômeno do consumo de alimentos no Brasil enquanto constituído de características próprias e distintas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Teoria da Prática

Em sua recente história, a teoria social passou por três grandes e distintas visões sobre o entendimento da ordem social (Reckwitz, 2002a). Um cenário foi elaborado por Reckwitz (2002a), entendendo que o primeiro grande modelo de ordem social – de origem escocesa – está ancorado na ideia da escolha racional dos indivíduos, ou seja, em indivíduos orientados por propósitos que buscam otimizar suas escolhas. A segunda forma de entender a sociedade está relacionada com a obra de Durkheim, em que a ordem é obtida por orientações dos indivíduos à normas sociais, de forma coletiva. Essas duas visões (*homo economicus versus homo sociologicus*), apesar de parecerem antagônicas, segundo o autor, possuem muitas semelhanças e cometem os mesmos erros ao desconsiderarem uma série de questões que uma terceira corrente de pensamento sociológico busca introduzir: a da teoria social como teoria cultural.

A abordagem cultural é composta de quatro correntes de pensamento que rompem com a tradição sociológica, formada pelo mentalismo, pelo textualismo, pelo intersubjetivismo e pela TP. Todas essas teorias são opostas aos modelos do *homo economicus* e *sociologicus*, pois a organização da realidade social se dá, dependendo da abordagem, na mente dos indivíduos, nas estruturas textuais, pela ação comunicativa ou pelas práticas sociais (Reckwitz, 2002a). Esta última abordagem, portanto, é o que interessa a este trabalho e não irei me deter em outras correntes culturalistas que não sejam a TP.

A TP tem um plano de fundo formado com o trabalho de filósofos como Wittgenstein e Heidegger, sendo desenvolvida por autores como Giddens, Bourdieu e Schatzki (Reckwitz, 2002a; 2002b). Schatzki (1993), fazendo uma junção das obras de Wittgenstein e Heidegger, se coloca no campo da prática quando analisa os autores sob o viés metafísico da filosofia da vida. Para esta corrente de pensamento, a vida não tem um *porquê* e um *como*, ela se encerra em si mesma em um movimento incessante. Nesse fluxo, as pessoas estão completamente imersas e dedicadas em suas atividades diárias, não havendo nenhuma lei ou estrutura superior que regula suas ações. Metafisicamente, não há nada além, somente práticas – que são observáveis. Nesse contexto não há estrutura além da prática. Já Bourdieu se coloca no campo da TP com o seu conceito de *habitus*, que são disposições (semelhantes às práticas) específicas de cada campo por meio das quais os atores se movem e lutam pelo poder, se utilizando para isso dos capitais *econômico*, *social* e *cultural* (Bourdieu, 2011). O *habitus*,

nesta visão, é o que dá forma à estrutura social, ao mesmo tempo que é por ela estruturado (Thiry-Cherques, 2006). Já Anthony Giddens (2013) se insere no campo a partir de sua tentativa de solucionar o antagonismo entre ação e estrutura com a teoria da estruturação. Para o autor, a estrutura social possui uma dualidade (e não um dualismo), pois ao mesmo tempo que coíbe a ação também a permite. Nessa perspectiva, as ações humanas são construídas pela estrutura, como também a constroem. Contudo, sua teoria da estruturação passa por uma “virada ontológica”, deixando de se preocupar com questões epistêmicas e metodológicas para se ater às práticas como ponto de partida para uma visão de mundo (Silva, 2014).

Para elucidar ainda mais a importância das práticas sociais e seus elementos, opto por abordar brevemente o conceito de dualidade da estrutura elaborado por Giddens (2013) em sua teoria da estruturação. Para o autor, a estrutura é composta por regras (coerção) e recursos que são produzidos e reproduzidos pelas práticas dos agentes no dia a dia de suas vidas rotinizadas. Por outro lado, a estrutura é o que vai servir de recurso para a ação do agente, que pode adquirir novas práticas. A estrutura social de Giddens é fonte de coerção, mas também é o que dá margem para a produção de novas práticas sociais.

A TP, portanto, se difere da visão sociológica tradicional e entende que a ordem social não surge da ação racional individual e da busca pela otimização das ações, muito menos da convenção dos indivíduos em torno de normas sociais. A TP também se difere das demais abordagens culturais que fazem parte do seu grupo (mentalismo, textualismo e interacionismo simbólico) por entender que a ordem social não reside em estruturas mentais, em estruturas textuais ou em estruturas interativas. A ordem social emerge das *práticas*, que passam pelos indivíduos como meio de sua realização (Reckwitz, 2002a; 2002b). Dessa forma, as instituições sociais são constituídas pela continuidade e consolidação das práticas no espaço e no tempo (Giddens, 2013). A prática é, portanto, a unidade de encontro (e catalizadora) da agência individual com a estrutura social, fazendo a ponte entre o nível micro e o nível macro (Crivits & Paredis, 2013; Latour, 1996). Compreendendo o local onde a prática acontece e o seu papel entre a ação e a estrutura, bem como sua origem no arcabouço da teoria social, cabe definir um pouco mais sua constituição.

2.1.1 Constituição das práticas sociais

As práticas também estão relacionadas às formas de interação no mundo social, bem como a modelos de ver, interpretar, fazer e dizer em sociedade (Reckwitz, 2002a). No geral, as práticas podem ser divididas em dois tipos: práticas enquanto *entidades* e práticas enquanto

performances. Uma prática enquanto entidade pode ser entendida como uma unidade abstrata que existe dispersa no tempo-espço, formada por *fazer* e *dizer* em um nível macro que podem ser adaptados em contextos específicos (Schatzki, 2008). Já as práticas enquanto *performances* estão mais relacionadas à capacidade de atuação em contextos específicos do *fazer* e do *dizer* dos indivíduos (Warde, 2005; Schatzki, 2008).

No que diz respeito aos objetos, as práticas também são constituintes destes que, ao mesmo tempo, auxiliam no aperfeiçoamento e na construção de novas práticas, criando um movimento dinâmico, cíclico e de construção mútua (Latour, 1996; Reckwitz, 2002b; Røpke, 2009). A partir dessa discussão, percebe-se que a prática é uma unidade social que se coloca entre a agência e as estruturas sociais, entendendo que ambas existem, mas não são determinantes da ordem social. Dessa forma, a prática se torna um modulador entre estes dois polos, criando e renovando mutuamente ações e estruturas, mas também se recriando e criando novas práticas. Além disso, as práticas rotinizadas e “mundanas”, sejam elas rotinas como cozinhar, consumir alimentos, etc., se colocam como principal objeto de análise para as pesquisas empíricas tentarem entender dinâmicas sociais sistêmicas (Giddens, 2013 aponta para a importância das situações rotinizadas de copresença para a organização de sistemas sociais maiores). Portanto, as práticas são formadas e sustentadas coletivamente com o compartilhamento de elementos, apesar de dependerem de *performances* individuais (Reckwitz, 2002a; Warde, 2005; Røpke, 2009; Gram-Hanssen, 2011; Halkier *et al.*, 2011).

Para auxiliar no entendimento da constituição das práticas sociais, me apoio em Warde (2005) e na leitura wittgensteiniana de Schatzki (2008). Primeiramente, Warde busca nos textos de Schatzki três elementos que vão, de certa forma, dar consistência ao fazer e ao dizer, que são constituintes básicos das práticas sociais. Essa “cola social” é constituída por: (1) entendimentos; (2) procedimentos e; (3) engajamentos relativos às práticas. Esses três elementos, juntos, também são chamados de *nexo*. Para que esse *nexo* seja reproduzido é necessária constante *performance* do fazer e dizer relativos à prática. Ou seja, a constante *performance* das práticas vão dar coesão a seus elementos e propiciar o reforço enquanto entidades.

Dessa forma, para que se forme uma prática não é apenas necessário termos os *fazer* e *dizer*, é preciso também que estas *ações* estejam conectadas pelo *nexo*. O trecho a seguir é elucidativo.

Uma prática é uma multiplicidade de fazeres e dizeres (ações básicas). Mas uma configuração de fazeres e dizeres constitui uma prática somente se seus membros expressarem uma variedade de entendimentos, regras e estrutura [nexo]. [. . .] (Schatzki, 2008, p. 106, tradução nossa).

Na TP, o conceito de *material* também toma outra dimensão. Esta abordagem teórica discute o lugar do material nas ciências sociais. Enquanto nas duas primeiras visões sociológicas (*homo economicus* e *homo sociologicus*) o material era entendido como parte da estrutura social (bem como a noção de superestrutura de Marx), com a virada para o culturalismo, o material passou a ser visto pelo campo como produto do conhecimento. Já para a TP o material ganha o status de *artefato* (Reckwitz, 2002b). Como artefatos, os objetos do mundo material ganham uma dinamicidade, pois são parte integrante da prática, em um movimento que Latour (1996) vai denominar de “interobjetividade”. Este conceito diz respeito ao papel que os objetos têm na formação da sociedade humana (em contraposição à sociedade de babuínos, por exemplo) como mediadores das interações, o que acaba permitindo que tais contatos e, conseqüentemente, a prática, por meio de seus padrões rotinizados, possam se estender pelo tempo-espaço¹ mediados por objetos (Latour, 1996).

Dando atenção à questão dos objetos no âmbito da TP, Shove e Pantzar (2005) passam a entendê-los como fatores não humanos que participam de nossas vidas. Os objetos estão intrincados em práticas, participando da produção e reprodução do cotidiano. Dessa forma, os autores inserem na análise das práticas sociais a importância dos *objetos*. O estado da arte da TP, nesse ponto, é acrescido com este foco de atenção material (muitas vezes empírico), que se une à discussão do *fazer*, *dizer* e do *nexo*.

Incrementar a análise dos objetos ao estudo das práticas sociais, segundo Shove e Pantzar (2005), pode descortinar questões importantes sobre o consumo. Além disso, os objetos também podem servir de fonte de investigação de práticas já extintas. Em trabalho posterior, Shove e Pantzar (2007a) elaboram um raciocínio de que as práticas sociais podem ser entendidas como fósseis e podem ser exploradas por meio de suas materializações. Um exemplo de fóssil vivo de uma prática social citado pelos autores trata-se da dança Morris inglesa. Um exemplo semelhante no Brasil desse tipo de fossilização pode ser o Congado, festividade secular que algumas comunidades negras ainda tentam preservar. Dessa forma, objetos, ideias, e algumas habilidades podem ser vistas como ponto de investigação de práticas já extintas e “petrificadas”.

¹ Para Giddens (2013), a continuidade das práticas no tempo-espaço só é possível pela capacidade de memória dos agentes sociais, e não porque as estruturas estão além da capacidade dos indivíduos.

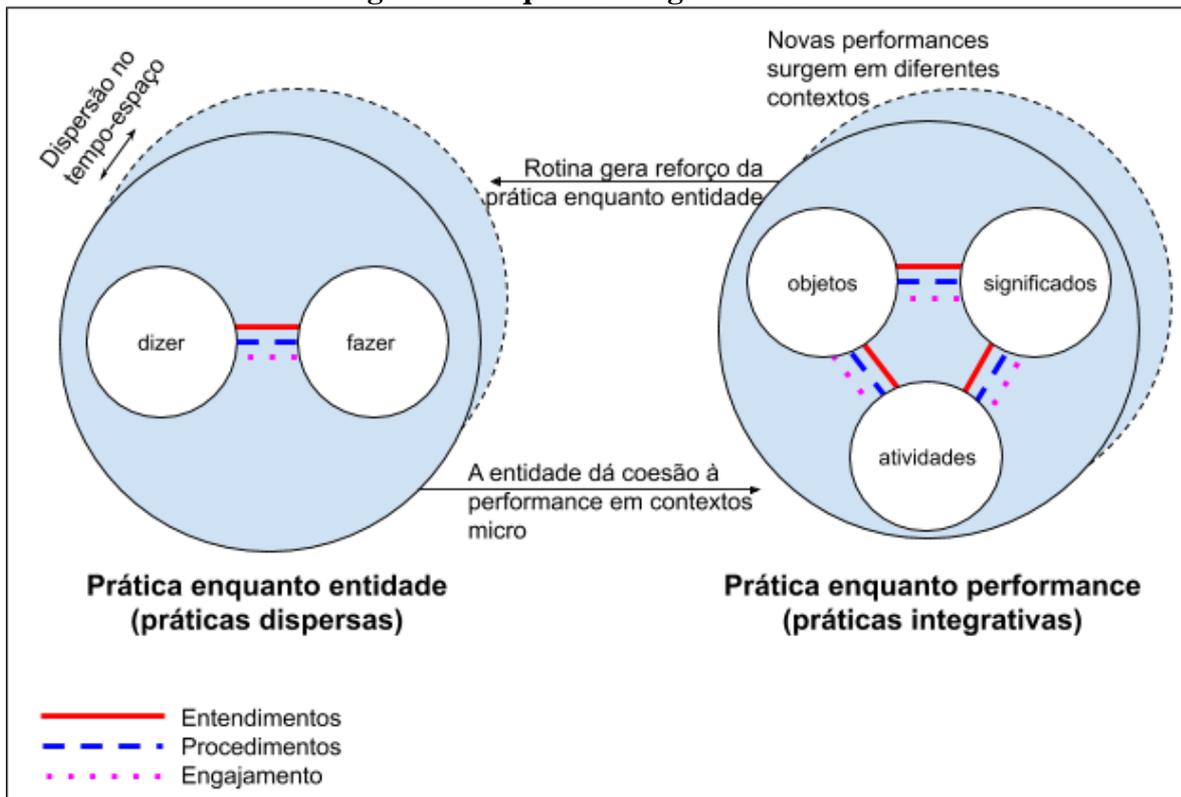
Para melhor entendimento de todas as nuances da TP, elaborei um inédito esquema teórico (Figura 1) onde é possível visualizar os elementos constituintes das práticas sociais. Temos dois grandes círculos que representam os dois tipos de prática (enquanto entidade e enquanto performance). As práticas enquanto entidade e performance são também chamadas por Schatzki (2008) de práticas *dispersas* e práticas *integrativas*. Esta nomenclatura é sintomática para o entendimento da dinâmica entre as duas práticas. Enquanto a primeira atua em um nível macro, se *dispersando* no tempo-espço (demonstrado pelo semicírculo pontilhado à esquerda), a segunda adapta a primeira a cada contexto, em um nível micro (demonstrado pelo semicírculo pontilhado à direita) (Warde, 2005; Shove & Pantzar, 2005, 2007b; Schatzki, 2008). Dessa forma, as duas formas de prática se reforçam mutuamente, como demonstrado pelas setas horizontais entre os grandes círculos.

Já foi dito anteriormente que a prática é composta pelas ações de fazer e dizer em sociedade. À esquerda da figura, demonstramos estes componentes pelos círculos menores. Já no grande círculo à direita os fazeres e dizeres ainda estão presentes, mas optei por utilizar a releitura que realizei de Magaúda (2011) dos mesmos componentes das práticas, mas incrementados pelos objetos e cultura material. Optei por utilizar esta releitura dos fazeres e dizeres por ser mais aderente a pesquisas em estudos do consumo. Voltaremos neste ponto do esquema a seguir, pois será nosso foco de atenção e aplicação empírica (além de preencher uma lacuna teórica).

É possível ainda verificar que a prática se mantém coesa pelo nexos, que são representados pelos traços que mantêm ligados os elementos das práticas. Nas palavras de Schatzki (2008, p. 106, tradução nossa) “um aparato de fazeres e dizeres constitui uma prática somente se seus membros expressarem um arranjo de entendimentos, regras e estrutura [teleoafetiva]”. Segundo o autor, os entendimentos são responsáveis, em grande parte, pela inteligibilidade entre os indivíduos. Dessa forma, as mesmas atividades ou objetos podem ter entendimentos distintos dependendo do contexto a que pertencem. Os *entendimentos* dizem respeito ao o que as pessoas dizem sobre as coisas e como agem diante delas. Já as *regras* (ou procedimentos) funcionam também para dar coesão às práticas, e podem ser implícitas ou explícitas, como é possível observar no trabalho de Shove e Pantzar (2007b). O *engajamento*, como prefere Warde (2005), recebe em Schatzki (2008) o nome de estrutura teleoafetiva. Independente da nomenclatura adotada, este elemento do nexos diz respeito à uma hierarquia de valores compartilhados entre os indivíduos como, por exemplo, sobre o que é bom ou ruim, sobre o que é melhor ou pior ou, também, como aquilo que convém ou não fazer em

determinadas situações. Por isso, Santos e Silveira (2015) dizem que a estrutura teleoafetiva de Schatzki possui caráter normativo.

Figura 1 – esquema integrativo da TP



Fonte: elaborado pelo autor

Para reforçar o entendimento da formação do campo da TP e sua “virada” empírica – com a introdução dos objetos como ponto focal de análise –, cabe trazer à tona o texto de Røpke (2009) que, revisando a abordagem da TP como “*nova inspiração para o estudo da economia ecológica no consumo*”, destaca o importante papel de Elizabeth Shove e seus colaboradores, como Mika Pantzar, em criar uma forte corrente de estudos empíricos relacionados à prática do dia a dia dos indivíduos.

Agora que vimos o contexto de surgimento da TP, seus elementos e sua “virada empírica” (principalmente com os trabalhos de Shove e seus colaboradores), para encerramento desta seção, há um trecho em Schatzki (1993) que ilustra sua essência.

A vida humana, para os filósofos da vida, é acima de tudo uma atividade. Nem objeto nem substância, é um incessante processo, uma autopropagação e um contínuo fluxo em avanço que perpetuamente ultrapassa, bem como precede quaisquer estruturas e formas que isso assume. Este pulso autoenergizante também não tem fundamentos. Assim como o mais primordial evento metafísico, não há um como ou um porquê para que isto ocorra. [. . .] (p. 308, tradução nossa).

As práticas dos indivíduos são observadas no dia a dia, nas atividades rotinizadas e “automáticas” que, às vezes, à primeira vista, podem ser consideradas banais. Os indivíduos estão imersos em práticas que possuem performances distintas entre eles. Essas práticas são dinâmicas, maleáveis e podem ser acessadas por meio de perguntas e observadas pelos próprios portadores da prática ou por observadores externos (Reckwitz, 2002a; 2002b). As práticas em suas performances, em suas atividades cotidianas, com seus componentes, vão estruturar e legitimar as práticas enquanto entidades (Warde, 2005).

2.1.2 Exemplos de trabalhos empíricos

Um de seus precursores, Bourdieu (2000) já se utiliza da TP (ainda com roupagens do conceito de *habitus*) para demonstrar as transformações das práticas de uma Argélia pré-capitalista para uma Argélia pós-colonização. Com isso, o autor coloca uma crítica à teoria econômica clássica (*homo economicus*). A crítica mira o modelo da busca racional pela otimização de recursos do homem da sociedade ocidental capitalista, que normalmente é tido como um fenômeno dado natural e não como uma consequência de situações historicamente construídas. Bourdieu, dessa forma, coloca as práticas econômicas fora de um modelo de estruturas, mas como parte do indivíduo, dinâmicas, relacionadas a performances individuais, que podem ser moldadas por estruturas externas (no caso, um processo de colonização ocidental), mas também resistem à imposição desta externalidade. Para os estudos do consumo, como veremos adiante, a mudança das práticas tem importante potencial de pesquisa.

Já demonstrei que Elizabeth Shove e colaboradores tiveram importante papel na aplicabilidade empírica da TP. Em um trabalho sobre a “normalização” do *freezer* na sociedade britânica, Shove e Southerton (2000) realizaram uma pesquisa que envolvia um objeto “mundano” e de uso cotidiano para entendê-lo não apenas como um utensílio de cozinha, mas como um objeto de consumo inserido em um contexto de práticas que são construídas e alteradas em torno dele.

Shove e Pantzar (2005) discutem a “invenção e a reinvenção” de práticas por meio do estudo do *Nordic walking*, prática surgida na Finlândia que consiste em realizar caminhadas com bastões semelhantes aos que são utilizados para esquiar. Os autores demonstram que o sucesso do estabelecimento da prática e sua exportação para países diversos consiste em unir elementos já existentes nos ambientes de importação (como a preocupação com a saúde, cultura esportiva, etc.) em torno de práticas. O bastão utilizado nesta atividade não teria valor

sem as práticas a ele atrelado. Esta visão coloca os objetos de consumo dependentes diretamente de práticas estabelecidas. As empresas produtoras destes materiais, entendendo esta dinâmica, procuram exportar não somente o produto em si, mas as práticas a ele relacionadas. Como é possível verificar, alguns desses estudos empíricos que se utilizam da TP como base teórica se relacionam diretamente com os estudos do consumo.

Também temos trabalhos em outros campos do conhecimento, como o de Trees e Dean (2017), que abordam como as famílias formam suas identidades por meio das práticas compartilhadas – e suas negociações – para entender as mudanças de rotinas envolvidas no consumo de alimentos relativo ao cuidado com familiares idosos. Em outro estudo, Hampton (2018) analisa como se alteram as práticas de pequenas empresas no que diz respeito ao consumo de energia e outros materiais. Este trabalho avalia a importância da imersão de consultores nessas empresas para a mudança dos significados relacionados ao consumo sustentável. Dessa forma, por meio de um trabalho interativo dos consultores – que vai além de escrever um relatório e reportar à empresa cliente – as práticas de consumo dos indivíduos nas empresas são alteradas, bem como os significados relacionados – indo de um interesse meramente econômico para um interesse ambiental geral. Shove e Pantzar (2007b) utilizam o caso do *floorball* (esporte surgido na Suécia) e da fotografia digital para investigarem os fenômenos de recrutamento e reprodução das práticas, ou seja, como as práticas capturam novos praticantes e como elas se reproduzem a partir destes. Os autores demonstram paralelamente exemplos de prática como performance (executada pelos praticantes) e das práticas como entidades, estas que, como vampiros, “capturam populações de praticantes comprometidos adequados [. . .] como forma para sobreviver” (Shove e Pantzar, 2007b, p. 166, tradução nossa).

A TP também é utilizada no campo da sociologia rural e, conseqüentemente, nos estudos sobre o consumo alimentar. Por exemplo, Spaargaren, Koppen, Janssen, Hendriksen e Kolfshoten (2013) avaliam as práticas envolvidas – e suas mudanças – no consumo de alimentos que possuem selos ambientais. Do ponto de vista do produtor, há como exemplo o trabalho de Krom (2014), que avalia as práticas sociais dos criadores de porcos na Bélgica e o trabalho de Huttunen e Oosterveer (2016) que avaliam as mudanças das práticas sociais de agricultores finlandeses para uma agricultura sustentável do ponto de vista da utilização de fertilizantes.

2.1.3 Estudos do consumo e teoria da prática

É importante destacar o papel de Alan Warde como o primeiro autor a propor uma agenda de pesquisa com a abordagem da TP no campo do consumo, com seu artigo intitulado *Consumption and Theories of Practice*, publicado no *Journal of Consumer Culture* no ano de 2005 (Halkier *et al.*, 2011).

Nesse trabalho, Warde (2005) indica cinco implicações da TP sobre os estudos de consumo. A primeira delas é que a prática passa a ser importante para que os pesquisadores de consumo deixem de entendê-lo apenas como uma relação de trocas, relacionado à demandas e ofertas. O consumo, sob esta ótica, está presente em todo momento durante as práticas, seja na forma de apropriação ou de contemplação. Dessa forma, a prática é entendida como uma performance que depende diretamente do consumo. Entrar em uma prática está relacionado diretamente a desejar novos consumos, se envolver em e ressignificar novas práticas, obtendo algumas recompensas associadas.

A segunda implicação apontada pelo autor diz respeito à diferença entre as práticas enquanto entidade e enquanto performance. As práticas possuem diferenças, dependendo do contexto social em que surgem. Por exemplo, os procedimentos e valores de dirigir um carro no Reino Unido é diferente do procedimento de dirigir um carro nos Estados Unidos (para manter-nos em um exemplo do próprio autor). Estes achados reforçam a ideia de que para o entendimento de uma prática é importante reduzir o campo de observação empírico a unidades específicas, pois as performances podem sofrer muita variação caso sejam observados grupos muito grandes e heterogêneos.

O terceiro apontamento do autor diz respeito à trajetória das práticas. Isto quer dizer que as práticas não surgem sem uma carga histórica, já que há uma acumulação de capital que tem influência na prática presente. Sob esta perspectiva, as práticas são dinâmicas e se alteram ao longo de seu curso no tempo, como demonstra a pesquisa-ação de Shove e Pantzar (2007b). Os autores inseriram o *floorball* (uma espécie de hóquei sem patins) em duas cidades distintas e as práticas foram desenvolvidas de formas livres e distintas (em suas atividades, significados e objetos) devido à especificidade sócio-histórica de cada cidade.

A quarta implicação para os estudos de consumo está relacionada ao surgimento de múltiplas práticas presentes, o que acaba demandando, ainda mais, novos desejos e formas de consumo. Também há efeitos simbólicos desta multiplicidade de práticas, bem como a luta pelo poder por meio da melhor prática, o consumo conspícuo, entre outros.

Por fim, a quinta implicação da TP apontada por Warde (2005) para os estudos de consumo, diz respeito ao indivíduo como o local de interseção de práticas. Dessa forma, o indivíduo se torna o carregador de inúmeras práticas, fazendo com que determinada prática em determinado contexto possa não ter relevância ou não ser entendida em um contexto distinto.

Em outro trabalho, Warde (2014) aponta mais uma implicação. O autor pontua que é possível dividir os estudos do consumo em três fases. A primeira delas, de característica bem economicista, que está relacionada à ideia da soberania do consumidor, visto como um ser racional que busca sempre otimizar suas ações (visão da economia neoclássica e expressa pelos modelos de comportamento dos anos 1960 e 70). A segunda fase (onde a CCT se localiza) está relacionada à ideia do consumidor expressivo, que é uma abordagem subjetivista e culturalista, onde o consumidor busca sua expressividade. Ambas as escolas foram hegemônicas. O autor, contudo, analisa que até mesmo a visão culturalista acaba por incorrer no mesmo erro da visão economicista, dando excessivo peso ao papel do agente. Com isso, a TP (terceira fase dos estudos de consumo) vem chamando atenção de pesquisadores por sua capacidade de resolver esse problema teórico. “Teorias da prática têm apelo aos estudos do consumo porque elas prometem realizar uma dupla correção em trabalhos anteriores” (Warde, 2014, p. 286, tradução nossa). Por isso, a TP, preocupada com a dualidade da estrutura, é capaz de corrigir este ponto também nas teorias culturais, dando atenção equilibrada tanto à agência do indivíduo quanto à estrutura (ou seja, ao caráter institucionalizado das práticas sociais).

Mais um marco para a divulgação da potencialidade da TP para os estudos do consumo foi, em 2011, a publicação da edição especial do *Journal of Consumer Research* que tratou do tema. Como se a excepcionalidade da própria edição já não bastasse para indicar potenciais veredas de pesquisa, os próprios artigos desta publicação indicam como trilhar estes caminhos, já que, à exceção do artigo de abertura da edição, os outros cinco trabalhos formam um conjunto composto por pesquisas empíricas e com olhares para cotidiano dos indivíduos como o local das práticas sociais. O consumo, neste tipo de abordagem, é normalmente pesquisado do ponto de vista do objeto que participa diretamente das práticas. Os objetos de consumo passam a ser um dos pontos de partida para a investigação das práticas que com ele estão envolvidas, como é o caso do bastão como ponto de partida para investigar vários aspectos da “invenção e reinvenção” da *Nordic walking* (Shove & Pantzar, 2005) e o já citado caso da “normalização” do *freezer* na Grã Bretanha (Shove & Southerton, 2000), cuja introdução do objeto nos lares proporcionou uma reconfiguração de práticas domésticas,

como o ato de cozinhar. Em ambos os casos a investigação empírica se deu sobre as mudanças de práticas.

A questão da mudança das práticas foi abordada por Warde (2005) mais diretamente quando apontou que uma das implicações da TP para os estudos do consumo seria a trajetória das práticas.

A principal implicação da teoria da prática é que as fontes de mudança de comportamentos residem no desenvolvimento das próprias práticas. O conceito de prática inerentemente combina a capacidade de levar em consideração reprodução e inovação. Em qualquer dado ponto do tempo uma prática tem uma quantidade de interpretações estabelecidas, procedimentos e objetivos. Tais codificações formais e informais governam as condutas dentro das práticas, embora frequentemente sem muita reflexão ou consciência por parte dos portadores. [. . .] (Warde, 2005, p. 140, tradução nossa).

O trabalho de Gram-Hanssen (2011), demonstra exatamente este tipo de dependência histórica da prática com o acúmulo de seus elementos ao fazer uma conexão das práticas do surgimento da energia elétrica em lares dinamarqueses com o uso dos sistemas de aquecimento, os aparelhos eletrônicos que utilizam o modo *standby* e os computadores, demonstrando como os elementos de práticas anteriores podem ser um ponto de partida para a configuração de novas práticas.

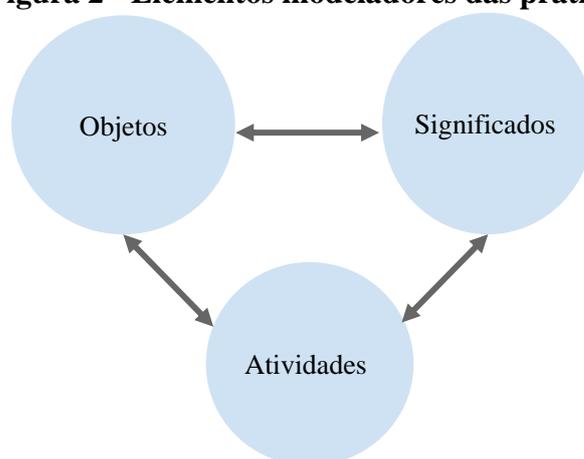
Para encerrar esta seção, cabe ressaltar, todavia, o esforço brasileiro de Borelli (2012) e Costa e Rezende (2017), reforçando o chamado de Warde (2005), para demonstrar a potencialidade da TP para os estudos de consumo. Ambos buscam em seus trabalhos, a partir da teoria existente, desintegrar em elementos menores os constituintes das práticas. Contudo, Costa e Rezende (2017) deixam claro que pretendem que esses elementos sejam utilizados como categorias de análise empírica.

2.1.4 O circuito da prática

Na representação dada pela Figura 1 demonstrei os tipos de práticas, seus componentes e até mesmo suas relações com os contextos de atuação. Para este trabalho, fica evidente a impossibilidade de avaliar separadamente todas as partes do esquema proposto ou o seu funcionamento como um todo, devido à complexidade da teoria e o grande número de relações existentes entre seus elementos. Portanto, decidi pinçar o circuito da prática (que compõe a prática enquanto performance, à direita) para poder aplicá-lo como lente teórica de análise do objeto empírico pesquisado.

Partindo do trabalho de Shove e Pantzar (2005), Magaudda (2011) derivou uma ferramenta de análise (Figura 2) para entender as transformações das práticas ou, nas suas palavras, o *circuito da prática*. Segundo o autor, o modelo explicativo também é uma ferramenta visual e analítica, composta por: objetos, significados e atividades. Esses elementos são uma leitura do autor para os fazeres e dizeres que compõem as práticas, acrescentados com os objetos e a cultura material. Na Figura 2, os elementos estão interconectados por setas bidirecionais. Magaudda (2011) não explora em seu trabalho a composição dessas conexões, mas elas podem ser entendidas, se lançarmos mão da visão de Schatzki (2008), como o nexos que dá forma às práticas sociais.

Figura 2 - Elementos modeladores das práticas



Fonte: Adaptado de Magaudda (2011)

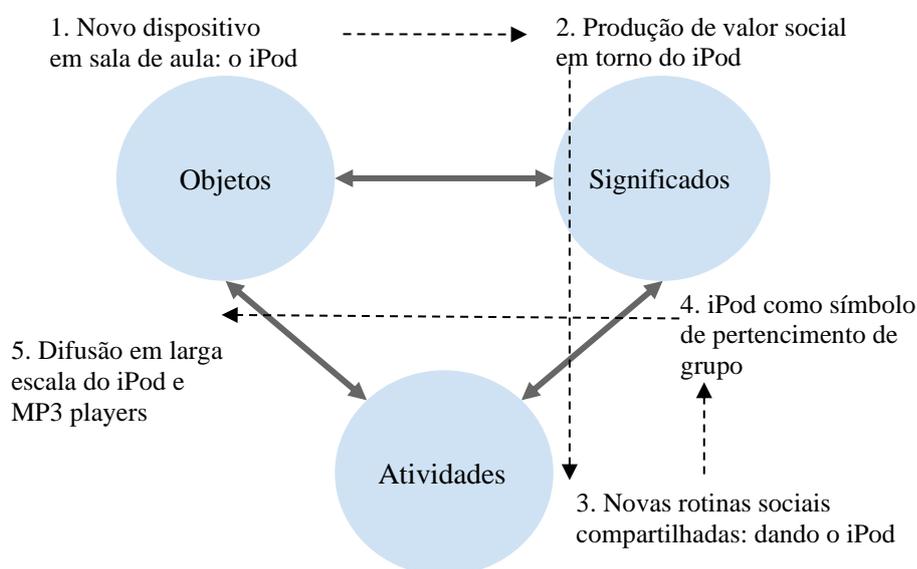
O autor utilizou o circuito para avaliar as transformações de algumas práticas. Uma delas foi a utilização do iPod por estudantes em uma escola da Itália. Após análise dos dados de entrevistas, o resultado foi demonstrado graficamente pela Figura 3, onde o circuito da prática é representado pelas setas tracejadas.

É possível observar que a partir da introdução de um novo objeto em um determinado contexto, uma cadeia de mudanças é ativada, seja no que diz respeito ao objeto, significados e atividades relacionados. O circuito da prática de Magaudda (2011) demonstra a relação em cadeia gerada a partir da inserção de um objeto, alterando também seus significados associados (como um novo objeto ganhando novos simbolismos) e as atividades relacionadas a ele (como o ato de presentear os colegas com o objeto inserido). O autor também utilizou o modelo explicativo com o caso da conversão da mídia musical do CD para o MP3 *player*, encontrando um novo circuito, mas sempre passando por transformações em objetos (ou novos objetos), significados e atividades. De uma forma geral, a entrada de um novo objeto

acaba por desencadear uma nova demanda como, por exemplo, quando a inserção de um iPod estimula o consumo de uma capa protetora. Ou, também, quando a mudança da mídia de fita cassete para o CD estimulou o consumo de CD Players. O que Magaudda (2011) demonstra é que novos objetos em determinadas culturas são articulados pelos agentes em níveis materiais e simbólicos. A grande circulação de um novo objeto – o iPod – no contexto pesquisado pelo autor, acabou permitindo, dentre outras transformações, a emersão de um novo significado atribuído a ele: o status de presente.

Apesar dos achados de sua pesquisa serem aplicados em casos bem específicos, o que Magaudda também propõe é utilizar seu modelo explicativo genérico (Figura 2) para encontrar outros circuitos. É isso que também pretendo encontrar: o circuito da prática no caso da horta comunitária do bairro Granja Verde em Betim/MG. Além do circuito, também buscarei, na análise dos dados, identificar os elementos do nexa, que estão melhor representados na Figura 1 pelos três traços entre os círculos menores. Reforçando este ponto já discutido: uma prática só se constitui se houver o nexa, composto pelos entendimentos, regras e engajamento.

Figura 3 - Circuito da prática com a introdução do iPod em uma escola italiana



Fonte: Magaudda (2011)

Pelo referencial até aqui construído, é possível notar a importância que as reconfigurações de práticas têm para a TP, gerando trabalhos empíricos e despertando o interesse de pesquisadores do consumo. Com a abordagem do circuito da prática também pode ser possível analisar trajetórias de transformações de atividades, significados e objetos a

partir do momento em que uma horta comunitária é inserida em um determinado contexto. Para dar sequência ao referencial teórico, vou discutir brevemente a literatura na qual se insere a discussão do consumo de alimentos produzidos em meio urbano.

2.2 Redes alimentares alternativas e a agricultura urbana

O leitor atento poderá observar daqui em diante (não obstante em todo o trabalho) que a literatura utilizada para dar suporte teórico a este subcapítulo coloca no texto contextos acadêmicos e empíricos distintos. Veremos estudos realizados por autores de várias nacionalidades, bem como objetos empíricos de cidades e países diversos como, por exemplo, Itália, Israel, China, Holanda e, claro, Brasil. Desta forma, é possível mapear o contexto das RAAs e da agricultura urbana brasileiras em relação ao resto do mundo, pontuando suas diferenças, bem como suas semelhanças.

A literatura internacional sobre as RAAs está em ascensão desde o final dos anos 1990 com trabalhos nos campos da sociologia, geografia, antropologia e estudos de agricultura (Maye & Kirwan, 2010). As RAAs normalmente se configuram sob formas *alternativas* de provimento alimentar, em contraposição às formas *convencionais*, e estão normalmente preocupadas com questões como a qualidade alimentar, meio ambiente, desenvolvimento local, justiça social, bem-estar dos animais e com a proximidade entre produtor e consumidor de alimentos (Goodman, 2004; Maye & Kirwan, 2010; Goodman *et al.*, 2014). Nesse aspecto o movimento *Slow Food* é ilustrativo, que surgiu em contraposição à abertura do primeiro McDonald's em Roma nos anos 1980, mas originalmente está relacionado com as questões estéticas gastronômicas (Sassatelli & Davolio, 2010). Mas o que seriam as formas convencionais e as formas alternativas de provimento? Basicamente, o convencional está relacionado às formas de produção e distribuição de alimentos pelas grandes indústrias, ocasionando certo fetichismo da mercadoria. Já o alternativo se relaciona com a busca por mais transparência na cadeia de produção e consumo que, conseqüentemente, está ligada com a proximidade entre produtor e consumidor na rede de provimento alimentar (Goodman, 2004). No caso deste trabalho, o objeto empírico posto pela horta comunitária do bairro Granja Verde em Betim/MG, que se configura como uma rede, pinçaremos para a posterior análise aquele consumidor que é o próprio produtor de seus alimentos. Este é, dessa forma, a configuração de canal mais curta possível dentro de uma RAA.

Segundo Maye e Kirwan (2010), uma das origens dos estudos sobre as RAAs é justamente a literatura sobre os circuitos curtos (CCs) de distribuição. Darolt et al. (2016)

realizaram um estudo comparativo entre as RAAs do Brasil e da França que pode nos ajudar a contextualizar o tema para a realidade brasileira, já que a literatura sobre as RAAs é predominantemente internacional. Dessa forma, pretendemos privilegiar o caso do Brasil dos estudos sobre RAAs contextualizados em outros países. Segundo os autores, no Brasil, a agricultura de base ecológica (privilegiando o CC e formando uma RAA) surgiu como movimento de resistência à modernização agrícola, apoiados pela sociedade civil e instituições religiosas no fim dos anos 1970. Contudo, recentemente, a agricultura denominada orgânica obteve o apoio institucional de ONGs e do governo brasileiro. Na França (e por que não, na Europa de forma mais abrangente), o movimento de institucionalização da agricultura ecológica aconteceu a partir dos anos 1980, porém com os chamados neorurais, ex-moradores de centros urbanos e escolarizados que optaram por uma mudança no estilo de vida por meio da produção de alimentos no campo. Os produtores brasileiros, ao contrário dos produtores no contexto das RAAs na França, têm, predominantemente, o perfil de baixa escolaridade e história de vida na área rural.

Apesar das diferenças entre as RAAs brasileiras e francesas, os autores também apresentam semelhanças entre os dois países, como a autonomia do agricultor, mecanismos horizontais e participativos e mão de obra familiar. Para ajudar a ilustrar como se configura uma RAA, optamos por apontar os objetos empíricos utilizados por Darolt *et al.* (2016) na pesquisa: feira de produtores, pontos de venda coletiva, associação de consumidores, cestas entregues em domicílio, lojas de produtos orgânicos independentes, lojas de cooperativas de produtores e consumidores, rede de comercialização, venda e acolhida na propriedade, programas governamentais (como alimentação escolar), restaurantes coletivos públicos ou privados e lojas virtuais.

Outro campo que dá origem aos estudos das RAAs, segundo Maye e Kirwan (2010), é o da nova sociologia econômica, com o conceito de *embeddedness* (enraizamento). Hinrichs (2000) analisa os mercados de fazendeiros e a agricultura comunitária (dois tipos de RAA) sob a lente do *embeddedness* a partir do momento em que essas configurações de mercado estão *enraizadas* em relações e interesses sociais e não meramente em interesses econômicos e individuais, como é o pressuposto da visão econômica neoclássica. O autor avalia que a participação dos atores, bem como as regras de negócio nessas RAAs, perpassa por interesses e normas sociais, aparentemente sem suporte no paradigma de racionalidade do ator da teoria econômica neoclássica. Contudo, Hinrichs (2000) ainda alerta que pode ser ingênuo analisar a atuação dos atores nessas redes somente sob a lente social e ignorar seus interesses econômicos e individuais, já que o ator é guiado por um misto desses direcionamentos,

cambiando entre eles em contextos distintos. O trabalho de Cassol (2014) também demonstra, no caso da Feira do Pequeno Produtor de Passo Fundo/RS, como as transações econômicas são fortemente pautadas conforme o meio social onde ocorrem, não sendo autônomas e independentes desses contextos. Para demonstrar a teoria, o autor também faz um paralelo entre dois países distintos (Brasil e Itália), apontando como as instituições econômicas diferem entre eles (cada um com seu pano de fundo social).

Na literatura, as RAAs também são abordadas pela lente da TP. Por exemplo, a melhora da rotina familiar por meio das alterações das práticas de consumo alimentar também foi identificada por Crivits e Paredis (2013) no contexto belga. A partir do surgimento de um modelo de depósito comunitário de produtos alimentícios (privilegiando os CCs) com funcionamentos em dias específicos, as famílias tiveram que se programar de forma a separar um dia da semana para realizar suas compras. Esta decisão vai na contramão do que prega o marketing gerencialista tradicional de disponibilizar o máximo de variedade por meio dos canais tradicionais de compra mais acessíveis ao consumidor (como supermercados e lojas de conveniência). O advento dos depósitos comunitários, contudo, fez com que os consumidores reduzissem o nível de ansiedade a respeito do provimento de suas famílias, pois a diversidade disponível para consumo se reduz neste modelo, o que facilita a escolha e a decisão de compra.

Nesse contexto, as práticas de consumo, portanto, são influenciadas tanto por situações da estrutura (como comodidades, utensílios e ambientes geográficos), bem como por situações de agência (como desejos individuais) (Paddock, 2017). Essa análise se dá sob lente da TP, que se mostra frutífera em casos onde o que se quer analisar é a AUP e as mudanças de práticas na vida dos agentes envolvidos, como é o caso deste trabalho. Pensar em mudanças nas vidas dos indivíduos e suas famílias visando saúde e bem-estar passa necessariamente por um olhar sobre as práticas sociais e as atividades do dia a dia. A conexão da temática das RAAs com a TP fica evidente se concordarmos com Goodman *et al.* (2014), quando diz que “a expansão das redes alimentares alternativas, por exemplo, então depende da sua capacidade de configurar essas rotinas” (p. 49, tradução nossa).

Torna-se cada vez mais claro, portanto, que um forte definidor das RAAs é o caráter desafiador que coloca um contraponto às formas convencionais industrializadas e primordialmente urbanas de se consumir alimentos no mundo globalizado, estreitando o relacionamento entre produtores e consumidores, que leva o ato do consumo alimentar para um nível de problematização social e ambiental. Contudo, Leggett (2017) traz um olhar crítico sobre a questão do consumo “alternativo”. Neste trabalho a autora analisa o consumo

“verde” na China como forma de desafiar o governo antidemocrático por meio de atuações de ONGs, por exemplo. Contudo, o desejo pelo consumo de orgânicos dos chineses reflete uma tendência global e um sentimento cosmopolita.

O mesmo achado foi apontado por Grosplik (2017), que identificou que as RAAs em Israel tendem a “diminuir o aspecto ético normalmente associado com o alimento orgânico e a reafirmar as dimensões do consumo associadas com a globalização e com a construção de uma identidade cosmopolita” (p. 734, tradução nossa). Em algumas entrevistas realizadas pelo autor, mesmo quando os atores fazem parte de configurações que privilegiam o contato do produtor com o consumidor, este contato ainda é superficial; em outras entrevistas é possível identificar que o contato com as redes alternativas se deu a partir do encontro com esse tipo de mercado em outros países. Este achado acaba reafirmando que o consumo de alimentos locais em Israel faz parte de uma tendência global (americanizada), e não criada com raízes independentes firmadas no solo israelita. O autor, prosseguindo com a análise no caso dos mercados de produtores de alta renda, identifica uma des-fetichização e uma re-fetichização. Ao mesmo tempo que é possível conectar consumidores e produtores, no primeiro caso, no segundo, o aspecto ético acaba sendo desconsiderado e o conhecimento da fonte de produção dos alimentos fica em segundo plano. De forma geral, o consumo orgânico acabou sendo absorvido por uma lógica neoliberal e por tendências de mercado tipicamente capitalistas, inclusive com a entrada de grandes varejistas no mercado de orgânicos.

Goodman *et al.* (2014) procuram realizar uma reflexão sobre até que ponto a relação entre o conceito de qualidade, associada ao princípio de consumir alimentos produzidos localmente, pode ser demasiada romântica e expor as fragilidades dos desenvolvimentos teóricos e empíricos das RAAs. Em primeiro lugar, os controles de “qualidade” envolvidos com o consumo alimentar acabam ditando o que é “certo” e o que é “errado”, bem como o que é “limpo” e o que é “sujo”, sendo que esses conceitos são a expressão de um jogo de poder normalmente vencido por uma classe média branca em detrimento ao que é realmente “alternativo”. Segundo, os alimentos produzidos localmente podem ser cooptados por agentes do próprio sistema industrial, como grandes supermercados e podem, também, ter seus valores de compra aumentados devido à “qualidade” associada a esses produtos. Toda essa crítica visa pensar em um sistema de produção de alimentos que seja realmente democrático e inclusivo e que esteja além de fronteiras geográficas.

Trazendo os achados anteriores sobre os casos da China e Israel de Leggett (2017) e Grosplik (2017), respectivamente, bem como a crítica de Goodman *et al.* (2014), é possível criar a proposição de que comunidades com menor poder aquisitivo possam estar menos

inseridas em um contexto de consumo globalizado e cosmopolita (como é o caso do objeto empírico pesquisado neste trabalho), tornando o envolvimento em RAAs mais legítimo do ponto de vista contestatório e não convencional. Este questionamento levanta a discussão sobre até que ponto o conceito de uma rede alimentar “alternativa” pode estar em xeque a partir do momento que o envolvimento dos atores nessas redes não se dá por interesse contestatório ou anti *mainstream*, mas puramente por interesses individuais, como, por exemplo, em atividades de recreação, ocupacionais e conspícuas, nem mesmo se importando com as questões socioambientais normalmente associadas às RAAs (questões aceitas indiscriminadamente como associadas à agricultura urbana) (Veen, 2015). A identificação de questões conspícuas ou meramente individuais no contexto da agricultura urbana pode macular sua definição como uma RAA, a partir do momento que a literatura abre espaço para contestar seu caráter “alternativo”.

Apesar do dualismo entre o convencional e o alternativo debatido anteriormente, uma abordagem mais inclusiva sobre as RAAs e menos passível de cair em armadilhas do jogo de poder em que uma classe média possui vantagens ou, de cair no romantismo associado ao consumo local, deveria entender as RAAs como “o resultado mutuamente constitutivo, imperfeito, de um processo político no qual o local e o global constroem um ao outro em bases cotidianas” (Goodman, *et al.* 2014, p. 24, tradução nossa).

2.2.1 A agricultura urbana e periurbana, as práticas sociais e suas mudanças

Após a definição do conceito de RAA, cabe definir o fenômeno da agricultura urbana e periurbana, que em um contexto maior se enquadra como uma forma de jardim comunitário, uma área urbana utilizada comunitária ou individualmente por um grupo de pessoas pertencentes ou não à localidade e que possui caráter coletivo. Não necessariamente o cultivo é o fator de definição de um jardim comunitário, pois muitos indivíduos podem ir a esses locais simplesmente para comprar seus alimentos, incluindo assim uma série de atividades e objetivos relacionados a esse tipo de espaço (Veen, 2015).

A agricultura urbana e periurbana (de agora em diante, somente AUP) se define, portanto, como uma das formas de jardim comunitário e como uma RAA, devido ao foco na produção e consumo alimentar, priorizando os CCs de distribuição em detrimento dos canais de marketing tradicionais (Veen, 2015). Aquino e Assis (2007) ainda destacam que o grande definidor de uma AUP são as relações construídas da configuração com o sistema urbano.

Apesar de ser uma prática milenar, foi a partir dos anos 1990 que, no Brasil, a AUP ganhou destaque enquanto ferramenta de integração e sustentabilidade socioambiental (Costa *et al.*, 2015; Araújo & Machado, 2018). Já no contexto da América Latina e em outras regiões globais de maior desigualdade social, a AUP tomou nova proporção devido à crise financeira que se instalou na região, com exemplo marcante em Cuba – com o fim do apoio soviético nos anos 1990 –, que produz a maioria de duas hortaliças em regiões urbanas (Aquino & Assis, 2007; Branco & Alcântara, 2011). Contudo, em um contexto geral, percebe-se que o crescimento e atenção institucional para a AUP se trata de um fenômeno, tanto em nível nacional quanto internacional, pertencentes a um determinado período histórico, com diferenças entre o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento. Este, o caso brasileiro.

A produção de alimentos pela AUP vem chamando atenção de pesquisadores brasileiros – bem como de entidades governamentais – como forma de promoção da saúde e bem-estar. Nesse contexto, a Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares (PIC) atua dando apoio ao Sistema Único de Saúde (SUS) com novas ferramentas e estratégias para superar a racionalidade terapêutica tradicional. Por meio da PIC os pacientes englobados por suas ações participam das atividades de AUP que, conseqüentemente, geram promoção de encontros, consciência alimentar, integração na comunidade e com as unidades de saúde, formação de amizades, práticas fitoterápicas, etc. Essas atividades são vistas por profissionais da saúde como alternativas acertadas para atuação junto ao SUS (Ribeiro *et al.*, 2015; Costa *et al.*, 2015). O trabalho de Branco e Alcântara (2011) faz um levantamento dos estudos brasileiros relativos à AUP e destaca o papel proeminente da horta de Sete Lagoas/MG, que é a mais longa estudada (que, inclusive, foi onde os moradores do bairro Granja Verde foram primeiramente aprender novas práticas). Outros achados desse trabalho vão ser comparados na análise dos resultados.

Um aspecto relevante encontrado por Veen, Derkzen e Visser (2015), principalmente se quisermos pensar na AUP enquanto transformadora de práticas que possam gerar bem-estar e saúde, diz respeito sobre o quanto do que é produzido nesses locais vão de fato para a mesa e a dieta dos indivíduos. O que os autores identificaram foi que há uma diferença significativa entre os que participam efetivamente dessas iniciativas (plantando e colhendo) e os que são apenas meros compradores dos alimentos locais. Aqueles indivíduos que efetivamente participam da prática da agricultura urbana são os que mais conseguem mudar as suas dietas no que diz respeito ao consumo do alimento produzido localmente. O achado dos autores, contudo, só foi possível por terem se utilizado da TP como lente teórica de observação do

fenômeno. Adquirir novos hábitos alimentares não é somente realizar uma simples mudança no processo de aquisição, mas sim, reconfigurar uma série de práticas relacionadas ao ato do provimento alimentar. Os indivíduos que se utilizam da agricultura urbana apenas como meros compradores não alteram suas práticas suficientemente ao ponto de reconfigurar suas dietas, pois estão envolvidos nas práticas de comprar, e não de cultivar. Esses achados parecem ir de encontro com a utilização da AUP associada a unidades básicas de saúde brasileiras (Ribeiro *et al.*, 2015; Costa *et al.*, 2015), onde a inserção de uma prática com seus objetos altera significados e atividades, bem como discursos associados às práticas (Shove e Pantzar, 2005; Reckwitz, 2002a).

O trabalho empírico de Comassetto *et al.* (2012) realizado em uma capital brasileira, talvez se assemelhe, tanto em abordagem metodológica quanto em achados de pesquisa, ao que desenvolvi. Os autores coletaram relatos de que a agricultura praticada pelos entrevistados dava a eles sensações de bem-estar, devido ao contato com a terra, ao acompanhamento do desenvolvimento das plantas, à uma sensação de estar em contato com a natureza ou por ser um momento de desconexão com o mundo urbano.

Para encerramento desta seção, ressalto que procurei destacar neste referencial o que, para mim, na medida em que ia aprofundando nas leituras, ficou claro como importantes pontos de interseções teóricas, com boas possibilidades de observações empíricas. Em primeiro lugar, as pesquisas sobre RAAs já demonstram preocupações com a noção de justiça envolvida nessas configurações (Goodman *et al.*, 2014). Seria qualquer CC uma forma justa de provimento alimentar? Uma rede alimentar promotora de justiça passaria necessariamente por reconfigurações de práticas que promovessem inclusão e melhorias na qualidade de vida dos indivíduos. Neste ponto, o referencial teórico proposto pela TP me auxilia a direcionar o olhar no campo de pesquisa. O que devo procurar? Qual detalhe observar? Obviamente, as práticas sociais e suas transformações (neste caso, utilizarei o ferramental de Magaudda, 2011 com o seu circuito da prática). Por fim, este trabalho, por se utilizar de abordagens culturais – típicas da TP – que desvendam os aspectos simbólicos do consumo e entendem o consumidor como um agente capaz (de potência, como diz Giddens, 2013), fica claro que também se enquadra no arcabouço da CCT, intentando contribuir para a consolidação da CCB.

3 METODOLOGIA

Este trabalho possui características de pesquisa do tipo exploratória e descritiva (Creswell, 2009) de estratégia qualitativa, realizada no âmbito dos estudos de cultura e consumo e, mais precisamente, no campo que é intitulado de *consumer culture theory*. Por outro lado, estudos envolvendo as temáticas da TP e da RAA frequentemente utilizam de tais metodologias, como os que foram citados neste trabalho. Primeiramente, farei o posicionamento epistemológico para, então, justificar as estratégias de pesquisa, coleta e análise.

3.1 O posicionamento epistemológico

O fato de entender a TP – utilizada aqui como lente de observação teórica – como teoria cultural que se contrapõe à visão sociológica durkheimiana (Reckwitz, 2002a), já demonstra o direcionamento ontoepistemológico desta pesquisa. Parto do princípio, concordando com Reckwitz (2002a), de que a unidade social é composta por práticas e que não é completamente construída nem pela estrutura social, nem pela agência do indivíduo, mas por práticas que são um fim em si mesmo, fazendo parte de e estruturando o cotidiano. Também não penso que esta visão está em desacordo com o entendimento de Berger e Luckmann (1991) sobre a constituição da realidade, já que os autores a entendem como múltipla, socialmente construída e extremamente dependente do contexto ao qual o indivíduo que a observa está inserido.

Assumindo, portanto, esta forma de entender a formação da sociedade, caso quisesse me localizar em um dos quadrantes propostos por Burrell e Morgan (1979), estaria falando do quadrante epistemológico do interpretativismo, partindo de uma ontologia subjetivista. Por isso, como disse na parte introdutória, este trabalho se enquadra no arcabouço da CCT, campo teórico que estuda o consumidor sob uma perspectiva interpretativa como forma de melhor entender fenômenos subjetivos e culturais do consumo. Este marco ontoepistemológico faz-se necessário para definir e justificar o desdobramento metodológico a seguir.

3.2 Estratégia de pesquisa

Faço a opção pelo método qualitativo por estar de acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2002) que entendem que a construção do mundo se dá por processos comunicativos que são

transmitidos por meio de textos, sons ou objetos. Portanto, a estratégia de pesquisa aqui adotada, segundo os autores, se torna a mais adequada pela opção em captar esses dados simbólicos que, muitas vezes, são transmitidos informalmente por informantes. Entendo que essa é a forma de dados que, por meio da análise, permite interpretar e identificar os contextos socioculturais das práticas sociais e suas mudanças. O tratamento metodológico alinhado aqui está de acordo com as discussões e os trabalhos empíricos de CCT (nesse sentido, ver o artigo clássico de Schouten & McAlexander, 1995) e, não menos, com os trabalhos que utilizam a TP como lente teórica, que são acompanhados largamente por métodos qualitativos (ver Shove & Southerton, 2000; Shove & Pantzar, 2005; Magaudda, 2011; Crivits & Paredis, 2013; Veen, 2015).

Por fim, apesar de haver certa confusão entre a CCT e o método de pesquisa de estratégia qualitativa, é primordial entender que a CCT não se trata de um método. A CCT não caminha necessariamente ao lado dos métodos qualitativos, mas é aceita pelos pesquisadores que estes têm grande aderência ao tipo de fenômeno investigado pela área, fazendo com que grande parte dos trabalhos de cultura e consumo lancem mão de entrevistas individuais e etnografias, por exemplo, para atingirem seus objetivos de pesquisa (Arnould & Thompson, 2005; Arnould & Thompson, 2007).

3.3 Estratégia de coleta de dados

A partir disso, um dos métodos de pesquisa selecionados foi a observação participante, que é a base de sustentação do método antropológico etnográfico (Sherry, 2006; Belk & Casotti, 2014). Winick (1961) foi o autor que iniciou o debate sobre a importância da antropologia para os estudos de marketing quando publicou seu artigo seminal no *Journal of Marketing*, denominado *Anthropology's Contributions to Marketing*, destacando o ganho que os pesquisadores de marketing podem ter ao se utilizarem das técnicas de pesquisa da antropologia para entender os fenômenos do consumo. No Brasil, Pinto e Santos (2008) advogam por uma abordagem interpretativista nos estudos do consumo, também por meio de uma abordagem cravada na etnografia (além da fenomenologia e da *grounded theory*). A observação participante é um método muito comum aos estudos antropológicos por buscar primeiramente uma relação de confiança com o grupo estudado e, com isso, realizar uma coleta de dados profunda, entendendo relações simbólicas e culturais que outros métodos ignoram (Belk & Casotti, 2014). Procurei me inserir na horta comunitária do bairro Granja

Verde em Betim/MG, consumir os alimentos lá produzidos e conversar com os produtores e consumidores, além dos vizinhos próximos.

Outro método qualitativo selecionado para realizar a triangulação com a observação participante foi a entrevista individual semiestruturada. A técnica de entrevista também está de acordo com os estudos da TP, já que esta corrente teórica parte do postulado de que as práticas sociais podem ser acessadas perguntando diretamente aos indivíduos (Reckwitz, 2002a). A escolha pela entrevista individual se dá pelo fato do objeto observado ser entendido como uma construção social (Berger & Luckman, 1991), diferentemente dos objetos observados pelas ciências naturais. Com a entrevista é possível atingir subjetividades para auxiliar na compreensão do fenômeno (Gaskell, 2015).

3.3.1 O objeto empírico e o local da pesquisa

O objeto empírico utilizado para realizar a coleta de dados foi a horta comunitária do bairro Granja Verde em Betim/MG. Esta forma de AUP surgiu a partir de uma iniciativa dos moradores do entorno de uma área de servidão da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) no ano de 2013, que é onde estão instaladas suas torres de transmissão. Segundo os moradores, a área estava gerando transtornos, como acúmulo de lixo, utilização pelo tráfico e o aparecimento de ratos e baratas em suas residências. Com isso, alguns deles passaram a cercar pequenas porções da área que estavam mais próximas às suas residências e a limpá-las. As primeiras ações acabaram gerando muitos conflitos, pois alguns achavam que o objetivo seria a invasão para construir casas (a Defesa Civil, após denúncias, chegou a retirar, não sem resistência, as primeiras cercas que foram erguidas). A ideia inicial foi seguida por outros até tomar grande proporção. Dessa forma, o plantio surgiu naturalmente, até que a comunidade do bairro negociou junto à CEMIG o direito à utilização do espaço. O grande terreno foi dividido em pequenos lotes (há registro de 58 medidores de água instalados), cada um de responsabilidade de uma família, que pode fazer o cultivo e se utilizar dos alimentos da forma em que convir. Pela Imagem 1 é possível ver por meio de uma imagem de satélite a proporção da área em relação às casas do entorno, bem como a configuração geográfica da horta comunitária.

Imagem 1 - Imagem de satélite - terreno da horta comunitária do bairro Granja Verde em Betim/MG



Fonte: Google Maps

Por meio de um contato na prefeitura, os moradores descobriram que havia um projeto de horta comunitária com mais de 40 anos em atividade na cidade de Sete Lagoas/MG. Os primeiros articuladores foram até essa horta para aprender um pouco mais e para entender o que estava sendo feito, como forma de organizar uma configuração semelhante. Por outro lado, para melhorar a forma de gestão, foi criada uma associação de moradores. Dessa forma, a administração regional da prefeitura da cidade de Betim e a CEMIG conseguiram ter uma referência de contato para negociação. Os moradores do bairro e as pessoas envolvidas na horta também utilizam a associação, por meio do presidente, para reivindicar algumas demandas e registrar seus nomes, caso ainda não tenham acesso ao espaço e queiram cultivar. Vale ressaltar que, segundo os entrevistados, atualmente há poucos que estão “ativos”. Ou seja, poucos trabalham na horta com regularidade. Muitos acabam plantando alimentos que exigem menos cuidado, ou apenas “deixam o mato crescer”. Esse aspecto é um ponto de conflito entre os moradores do bairro.

Cabe ressaltar que o objetivo principal inicial foi garantir o bem-estar e a qualidade de vida dos moradores da região por meio de uma melhor organização do espaço urbano. Com essa forma de AUP é possível traçar as práticas e suas mudanças, no modelo que fizeram Shove e Pantzar (2005) e Magaúda (2011), já que o surgimento da horta pode ser entendido como a introdução de um novo objeto na realidade dos indivíduos que tiveram que reconfigurar suas práticas ao se envolverem com o novo projeto. Um ponto de destaque no processo de transformação das práticas dos envolvidos é que a associação recebeu também o

apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), que proporcionou aos interessados cursos diversos sobre o cultivo de alimentos e plantas medicinais, sempre de forma orgânica. Os indivíduos que participaram desses treinamentos, na fase inicial do projeto, lembram com saudosismo da troca de conhecimento e informação e dizem que a EMATER hoje “está sumida”. De uma forma geral, com os treinamentos os entrevistados relataram que aprenderam muito e quebraram alguns mitos.

3.3.2 A construção do roteiro de entrevista

A construção do roteiro partiu do princípio da criação de questões pré-estruturadas para ir à campo (Fusch & Ness, 2015). Na mesma linha, Gaskell (2015) recomenda a criação de tópicos guia antes da coleta para que o pesquisador possa se orientar durante o processo de entrevista. Segui essas orientações. O primeiro roteiro foi feito tendo como sustentação algumas perguntas que pudessem extrair dos entrevistados questões ligadas mais diretamente à alimentação, como, por exemplo, o quanto do que eles consomem diariamente é proveniente da horta ou se os consumidores passaram a ir menos a sacolões, por exemplo. Contudo, após o primeiro teste do roteiro finalizado no campo, essas questões não trouxeram respostas relevantes. Quando perguntava se a alimentação do primeiro entrevistado havia mudado devido à horta, a resposta era negativa; quando perguntava se sua relação com os alimentos, de forma geral, havia mudado, a resposta era negativa. Confesso que durante os primeiros minutos de entrevista comecei a me sentir aflito. Nesse momento, a graduação em comunicação social e algumas disciplinas de jornalismo me foram úteis...

Com a primeira entrevista desse roteiro em andamento, imediatamente o alterei quando o entrevistado disse que a sua experiência com a horta o mudou “espiritualmente”. Vi, instantaneamente, como num faro jornalístico, que aí estaria um ponto importante para explorar. O entrevistado acabara de me dizer que teve sua vida transformada por meio das práticas sociais!

O roteiro foi mudado com ele em ação. Após a primeira experiência em campo, retornei para minha casa, onde pude refletir sobre o novo roteiro de entrevistas. Práticas, práticas... Espiritualidade... Criei um roteiro, então, que pudesse explorar os três aspectos das práticas enquanto performances: objetos, significados e atividades (ver apêndice A). E voltei ao campo.

3.3.3 A chegada ao campo e a seleção dos entrevistados

Quando cheguei à horta pela primeira vez, senti uma sensação boa, como se estivesse em um lugar de clima interiorano, apesar de estar em uma região metropolitana. Comecei a andar em torno do terreno e vi algumas pessoas trabalhando na terra. Me apresentei a uma delas, que foi muito solícita. Se tratava de um senhor aposentado, que me deu as primeiras explicações a respeito do surgimento da horta, dos conflitos de interesse, da associação, etc. Confesso que acabei dando um pouco de sorte dele ter sido meu primeiro contato. Nesse ínterim, passou por mim uma pessoa que parecia ser popular no bairro, andava cumprimentando a todos. O abordei e perguntei um pouco mais sobre a história da horta e etc. Meu segundo lance de sorte. Ele tinha sido um dos primeiros a iniciar a limpeza dos terrenos da CEMIG. Ficamos conversando por aproximadamente uma hora, ele me contou algumas histórias do bairro, dos amigos, etc. Também chegou a dizer que já tinha colocado alguns ladrões para correr e “sumido” com outros que estavam invadindo o espaço.

Imagem 2 – Imagem interna da horta de dois dos entrevistados



Fonte: foto do autor

Meu terceiro lance de sorte, logo no primeiro dia de campo, acontece quando sai de um portão um importante morador. O meu bate papo anterior foi interrompido quando meu interlocutor disse: - vamos ali que ele vai te dar mais informações. Essa pessoa que acabara de sair de sua casa era um dos líderes que esteve ativo nas questões políticas da horta, da associação e em toda articulação para organizar a sua gestão. Agora sim estava realmente no campo! Meu novo interlocutor foi extremamente simpático e se mostrou solícito, me levando até sua horta e me mostrava orgulhoso o que estava produzindo. Este senhor me passou seu

telefone e me deixou completamente à vontade para que eu pudesse contatá-lo. E assim fiz, meses depois.

Imagem 3 – Perspectiva em relação às torres de transmissão da CEMIG



Fonte: foto do autor

Com o passar do tempo, fui ficando mais conhecido pelos moradores e fui sendo apresentado como “o rapaz que está fazendo uma pesquisa sobre a horta”. À medida em que minhas visitas foram ficando constantes, novas informações emergiam e foram me ajudando a compor o diário de campo. Foi perceptível que a desconfiança dos primeiros contatos também foi amenizada, cheguei até a ganhar algumas ervas medicinais para chá. Minhas visitas se davam normalmente pelas manhãs, horário preferido dos moradores para poderem trabalhar na terra. Nesse tempo, foram muitos repelentes, picadas de pernilongo, arranhões por espinho, degustação de ervas, temperos e frutas. O sentimento que tive é que o tempo lá passava mais devagar, bastava apenas sentar sob uma sombra, reunir duas ou mais pessoas para o papo fluir e o tempo parar... Contudo, a lembrança permanente de que eu era um pesquisador e a horta o meu objeto, me colocava em solo firme novamente, já que se perder pelas conversas e casos dos moradores estava me dando certo prazer.

Os entrevistados foram selecionados de acordo com minha ida ao campo, já que eles não possuem rotinas bem definidas para trabalhar na horta. Na minha chegada, e de acordo com o fluxo das pessoas no local, encontrava o melhor momento para abordar os potenciais entrevistados. Um deles foi fundamental para ir me apresentando aos demais, o senhor Rodrigo (pseudônimo). Ele sempre era o ponto de onde eu podia pedir indicação para conseguir mais uma fonte de informação. Apesar de sua enorme vontade de ajudar na minha pesquisa, tive que ter ponderação, pois só iria entrevistar os consumidores-produtores, ou seja, aqueles que trabalham na horta do bairro Granja Verde com certa regularidade e consomem em suas rotinas os alimentos produzidos (havia muitos que deixavam seu pequeno lote abandonado ou simplesmente não cuidavam do espaço).

O início do contato com o campo se deu ainda em abril do ano de 2018 quando estava elaborando meu projeto de dissertação e se estendeu até junho de 2019. Foram oito visitas ao campo no total, com duração de aproximadamente quatro horas cada, ocupando todo o período de trabalho matutino dos moradores na horta. Destaco que se trata de uma abordagem de mera *inspiração* etnográfica e não de uma abordagem de campo antropológica tradicional, que demanda extensivo tempo de imersão (Belk & Casotti, 2014).

3.4 Corpus de pesquisa e estratégia de análise: analisando discursos

O *corpus* de pesquisa é composto por 174 minutos de gravações referentes a sete entrevistas individuais – que foram transcritas para realizar a análise – e pelas anotações no diário de campo que, digitalizado, possui nove páginas, totalizando 3.071 palavras. Também foram realizadas mais duas entrevistas que não puderam ser gravadas, mas as impressões e os pontos principais do diálogo foram anotados no diário. Os entrevistados se demonstraram mais à vontade quando não estavam sendo gravados, o que reduziu os minutos de gravação, mas as conversas em *off* foram ricas e fazem parte da observação participante. Por este motivo, o diário de campo foi uma ferramenta fundamental de coleta de dados e o utilizava até mesmo nas visitas menos produtivas ao campo. Ele foi fundamental para anotar as impressões das entrevistas após as gravações, os “bate papos” à sombra e os trechos importantes das entrevistas não gravadas. Às vezes, até mesmo nos intervalos entre uma visita e outra, fazia anotações de detalhes que me haviam escapado.

A seguir, no Quadro 1, demonstro o perfil geral dos entrevistados. Os dados correspondem à idade, ocupação e tempo em que estão inseridos nas práticas de agricultura urbana. Alguns entrevistados, que se mostraram mais arredios, não quiseram expor a idade. A

experiência da horta do Granja Verde vai na contramão do que foi identificado por Branco e Alcântara (2011), quando observaram que a maioria das pessoas envolvidas com a agricultura urbana nos casos brasileiros relatados pelas pesquisas acadêmicas eram do sexo feminino.

Quadro 1 – perfil dos entrevistados

Pseudônimo	Idade	Ocupação	Tempo de envolvimento na horta
José	53	Bombeiro Militar Reformado	Mais de 5 anos
Rodrigo	58	Aposentado e profissional autônomo	Mais de 5 anos
João Paulo	52	Afastado pelo INSS	Mais de 5 anos
Tião	X	Aposentado	Mais de 5 anos
Cláudio	77	Aposentado	Mais de 5 anos
Adenilson	55	Aposentado	Mais de 5 anos
Ademir	53	Aposentado e profissional autônomo	1 ano e 6 meses
Bruno	X	Profissional autônomo	Mais de 5 anos
Pedro	X	Afastado pelo INSS	Entre 3 e 4 anos

Fonte: dados da pesquisa

Para realizar a análise das entrevistas, utilizei a técnica de análise do discurso de origem francesa (Orlandi, 2003), pois sua fundamentação reside na ideia de que o discurso não pode ser analisado fora do seu contexto sócio-histórico e das relações de poder existentes (Gill, 2003; Souza & Carrieri, 2014). Também tomarei como base o roteiro utilizado na tese de Saraiva (2009) que tem origem na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais com o professor Augusto Moreira de Faria, que o utiliza com finalidade didática para a análise do discurso de origem francesa. Farei o seguinte percurso:

1. identificação e análise dos principais aspectos lexicais; análise dos personagens; análise do implícito e do explícito;
2. identificação e análise dos principais temas (elementos mais abstratos) e figuras (elementos mais concretos) implícitos e explícitos dos discursos;
3. identificação e análise das principais cadeias de significados estruturadas a partir dos temas e figuras;
4. identificação e análise dos principais aspectos interdiscursivos²;
5. identificação e análise dos principais aspectos refletidos e refratados³ nos discursos;
6. identificação e análise dos principais aspectos das condições sociais de produção dos discursos;

² O interdiscurso é a relação do texto com sua exterioridade (Orlandi, 1995).

³ O sentido refratado, ao contrário do refletido, traduz os significados de outro campo social com a lógica própria do campo do discurso (Misoczky, 2014).

Com isso, a técnica é aderente aos estudos que se utilizam da TP, tendo em vista que, no original em inglês, Reckwitz (2002a) argumenta que as práticas são compostas também por *sayings*. Este termo é utilizado pelo autor com uma conotação muito semelhante ao conceito de *discursos* em Orlandi (1995), composto, dessa forma, por suas ideologias, relações de poder e construções sócio-históricas. Dessa forma, a análise do discurso se distancia de outras técnicas – como da análise de conteúdo, por exemplo – por tentar entender o que está “por trás” dos textos. O texto é aqui entendido como o veículo por meio do qual os discursos são transmitidos (Brandão, 2006), e não como um fim em si mesmo. Portanto, analisar os discursos pode clarear como as práticas se modificam ao longo do tempo e as relações/tensões entre as práticas antigas, novas e concorrentes.

A análise do discurso é aderente à TP (bem como os métodos de base antropológica) também, e principalmente, quando utilizamos a abordagem wittgensteiniana discutida por Schatzki (2008). Ao discutir a inteligibilidade na sociedade, bem como os significados e linguagem, na interface com as práticas sociais, o autor argumenta que o inteligível só é possível quando os indivíduos estão imersos nas mesmas práticas. Daí a importância da imersão nos campos de pesquisa e a participação nas mesmas práticas do grupo pesquisado. Dessa forma, participando das mesmas práticas, é possível atribuir os mesmos sentidos aos objetos e às ações, tornando o contexto inteligível. Ao analisar os discursos, busquei me inteirar das práticas para, depois, entender os contextos, os significados das palavras e das atitudes do grupo pesquisado. Já vimos também que a TP é uma lente importante nos estudos de RAAs o que, conseqüentemente, faz com que a análise do discurso também seja interessante ao abordar esse tipo de fenômeno.

De acordo com Gill (2013), ao analisar discursos o pesquisador deve manter uma postura crítica frente aos dados e entender que todo discurso é socialmente construído. Dessa forma, continua, um dos temas frequentemente utilizados nesse tipo de análise é o discurso enquanto prática social, caro para este trabalho. Com isso, ao analisar discursos, estaremos entendendo como os atores sociais se situam em determinados contextos. Ainda segundo Gill (2013) a prática da análise do discurso demanda uma leitura cética do material coletado e uma abordagem interpretativa da realidade para iniciar o processo de codificação. Assim é possível captar os *enunciados*.

Tais enunciados, para Bakhtin (1997), são a unidade básica do discurso enquanto unidade da comunicação verbal. Para o autor, o enunciado é diferente da oração, pois esta se preocupa especificamente com questões gramaticais da língua. Por outro lado, o enunciado se encerra quando este se torna inteligível e pode ter uma resposta do outro. Dessa forma,

Bakhtin separa, na linguística, questões meramente lexicais e gramaticais das questões do discurso, pois aqueles acabam abandonando na análise as intenções do orador, suas ideologias, os outros discursos nos quais se apoia, etc. Ainda segundo Bakhtin (1997) todo discurso e seus enunciados são marcados pelas esferas nas quais foram construídos. Essas esferas são entendidas pelo autor como os campos sociais (numa abordagem bourdiana) pelos quais os indivíduos transitam.

[. . .] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. [. . .] (Bakhtin, 1997, p. 280).

Pelo fragmento anterior ainda é possível identificar que Bakhtin dá um peso intencional ao discurso dos atores, ao afirmar que estes realizam uma “seleção” dos recursos linguísticos. Com isso, os oradores, por meio dos discursos, sempre querem “dizer” alguma coisa e sempre esperam uma reação do outro.

Ao discutir sobre a aplicabilidade da análise do discurso no campo do marketing, Elliott (1996) argumenta que a virada pós-moderna da disciplina demandou novos métodos interpretativos da realidade e, com isso, a análise do discurso se colocou no campo de interesse da área. Para o autor, como benefício para os estudos de marketing, “a análise do discurso abandona a ideia positivista que as pessoas possuem uma única atitude que pode ser representada por categorias de respostas mutuamente exclusivas” (p. 65, tradução nossa). Elliott continua dizendo que, ao contrário de buscar consistências nos discursos, o pesquisador que se utiliza desse método deve buscar e estimular a divergência na geração dos dados. Por isso, o papel do pesquisador é fundamental nesse processo (Elliott, 1996).

Dessa forma, a discussão precedente permite entender que o discurso pertence a um determinado contexto cultural, social e histórico e é construído por enunciados que devem ser captados em suas unidades por quem se propõe a realizar a análise. Para isso, o investigador deve estar carregado de uma visão crítica e interpretativa para captar as ideologias, jogos de poder, discursos associados e etc.

Voltando ao *corpus*, realizei uma exploração inicial e separei quais elementos remetem às mudanças de práticas e às transformações causadas na vida dos indivíduos. Também busquei encontrar pontos de congruência com as categorias do circuito da prática (Figura 1), que são: objetos, significados e atividades. Além disso, procurei identificar os entendimentos, regras e engajamentos que dão solidez às práticas sociais. A partir dessa

identificação, construí o circuito percorrido pelas práticas para entender como acontecem as suas mudanças no contexto da horta comunitária do bairro Granja Verde em Betim/MG.

Procurei também identificar em quais contextos os discursos são construídos, bem como quais são as posições sociais dos entrevistados no contexto local e seus papéis exercidos na horta comunitária, já que a identificação das condições de produção dos textos é fundamental na técnica de análise do discurso (Brandão, 2006). Outro levantamento fundamental para a análise foi a identificação dos enunciados, das ideologias e das relações de poder, tentando identificar se há uma “luta” entre práticas no contexto da horta comunitária.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após realizar por diversas vezes a leitura da transcrição das entrevistas, do diário de campo e a escuta dos áudios, foi possível extrair dos dados três categorias gerais de análise. A primeira delas diz respeito à melhoria da *saúde* dos indivíduos, relatada pelos entrevistados de forma bastante tangível, como a melhoria do resultado de exames clínicos e recuperações de quadros de depressão. A segunda categoria chamei aqui de *sentir bem*. Ao utilizar este termo, além de fugir de armadilhas semânticas relacionadas ao consolidado termo (e também difundido no senso comum) “bem-estar”, coloco o sentimento do indivíduo em evidência e, usando uma abordagem fenomenológica, é esse sentimento que me interessa. Por fim, a terceira categoria a emergir do campo esteve relacionada aos *conflitos e disputas* travados pela agricultura urbana, pois foi possível observar a sua luta constante para sobreviver frente à uma série de conflitos de interesses e de outras práticas no bairro Granja Verde.

Por meio da análise dos dados também foi possível traçar o circuito da prática no caso da horta do bairro Granja Verde, que demonstro na seção 4.4. Identifiquei que o circuito surge transversalmente às categorias e, quando decidi realizar este recorte e analisá-lo separadamente, foi possível dar destaque e traçar as relações entre objetos, significados e atividades, unidos pelos engajamentos, entendimentos e procedimentos, cobrindo uma lacuna teórica existente no modelo de Magaudda (2011) (ver Figura 4).

4.1 A saúde como benefício tangível

A primeira das categorias que optei por tratar diz respeito à saúde dos indivíduos. Não foi por acaso. No campo, foi um dado que me chamou a atenção em especial. Frequentemente ouvia relatos de que o resultado de algum exame clínico havia melhorado, ou que algum morador tinha saído do quadro de obesidade. Por diversas vezes também escutava que algum deles havia parado de comprar remédios. Ou seja, eram resultados bem tangíveis que surgiam a partir do momento que os indivíduos se envolviam com a prática da agricultura.

Tratando-se de saúde, um personagem bastante conhecido no bairro é o senhor Osvaldo. Ele possui 91 anos e os moradores associam a sua vitalidade e longevidade ao fato de estar trabalhando na horta. Ele é frequentemente citado nas entrevistas e conversas informais quando o assunto é saúde. O fragmento discursivo 1 é ilustrativo.

Imagem 3 – referência de saúde no bairro, Sr. Osvaldo também vende o que produz



Fonte: foto do autor

(1) [. . .] O senhor Osvaldo, ele teve um AVC justamente no período que cortou a água e ele tinha muita coisa plantada [. . .] mas aí ele adoeceu por isso, ficamos sem água mais de um mês, e ele cheio de planta lá. Então aquilo ali foi um baque. Imagina a pessoa de idade, na época tava com uns 88 anos. Então assim, pode até adoecer mesmo, você tem que ter equilíbrio, senão até adoecer mesmo. Uma depressão, um mal estar, porque igual você gostar de uma coisa e te tirar de repente. (Rodrigo).

É possível observar pela seleção lexical “*baque*” que a interrupção do fornecimento de água acabou interrompendo simultaneamente uma rotina. Ao mesmo tempo, essa interrupção abrupta da rotina pode ocasionar um nível de ansiedade muito grande ou, até mesmo, problemas de saúde para uma pessoa com “*uns 88 anos*”. Essa noção é reforçada pelo seguinte: “*você tem que ter equilíbrio, senão adoecer mesmo*”. Dessa forma, é preciso um esforço do indivíduo para suportar a quebra da rotina.

A utilização do lexical “*justamente*” tem a função de cravar um ponto de inflexão da história contada. É um ponto onde a sorte do senhor Osvaldo muda e sofre um AVC. A conexão entre o trabalho na horta e a saúde, demonstrada dessa forma pelo entrevistado, parece ter uma relação de causa-efeito. Ao dizer que isso é “*igual você gostar de uma coisa e te tirar de repente*”, o entrevistado demonstra uma relação entre horta e agricultor que vai muito além do funcional para benefícios tangíveis em relação à saúde. É uma relação passional e de entrega física e mental. Ao cortar essa relação com a horta pode haver uma “*depressão, um mal estar*”, situados no nível mental, mas também pode atingir o corpo mais severamente, como em um AVC. Para os agricultores do Granja Verde, corpo e mente atuam

como uma só coisa, o que é completamente aderente com a visão de Schatzi (2008) sobre as práticas sociais e que a “atividade corporal é a aparência da mente e a mente a expressão das atividades corporais” (p. 87, tradução nossa).

O fragmento discursivo 1 também é ilustrativo do referencial teórico por dois motivos. Primeiramente pelo papel central da rotina dentro de uma prática (Reckwitz, 2002a) e, em segundo lugar, pela interdependência das atividades com os objetos e os significados (Shove & Pantzar, 2005; Magaudda, 2011). É possível identificar no discurso de Rodrigo os três elementos da prática interconectados. A água enquanto objeto que participa fundamentalmente da agricultura, as atividades de plantio e cultivo rotineiros e os significados associados à saúde. Dessa forma, para existir, a prática da agricultura no bairro Granja Verde depende desses três elementos interconectados.

Outro ponto que merece ser destacado, ainda sobre o fragmento discursivo 1, diz respeito à importância da articulação entre atores políticos e comunitários para a sobrevivência desse tipo de projeto. Segundo relato dos moradores, a falta de articulação na comunidade, que propiciou a utilização incorreta da água, fez com que a prefeitura, que estava arcando com os custos junto à COPASA, pedisse a suspensão do fornecimento. Esse ponto vai de encontro à outras experiências similares no Brasil. Segundo Branco e Alcântara (2011), experiências de AUP parecem depender muito mais desse tipo de articulação do que da disponibilização das tecnologias necessárias.

Também é frequente na fala dos entrevistados a seleção lexical “*remédio*”, utilizada sempre de formas negativas, seja como sinônimo de agrotóxico presente nos alimentos ou com relação a medicamentos da indústria farmacêutica, como demonstra os fragmentos discursivos 2 e 3:

(2) [. . .] Eu mesmo tinha um problema de arritmia e qualquer coisinha o coração disparava, aquele trem... tomava muito remédio, tomava remédio controlado, tarja preta pra uma série de problemas, de stress... e depois que eu vim pra cá acabou [ri] porque é uma terapia, larguei tudo. (Rodrigo).

(3) [. . .] Eu plantei mais por causa da minha mulher. Ela tem problema de glicose alta, então chegou num nível assim que o médico chegou a querer já tratar com remédio porque ela chegou a 135 a glicose dela, já estava começando a virar um pré-diabético. [. . .] ‘O negócio é o seguinte: vamos tomar remédio não. Então emagrece um tiquinho’ [. . .] Você tem que ver o poder da plantas, meu amigo! Eu faço chá lá em casa. Eu também tomo. Eu faço chá lá duas vezes na semana. Eu pego cinco folhinhas daquela amora ali, aí para o negócio ficar com um aromazinho, põe uns dois galhinhos de hortelã, uma delícia [. . .] A glicose dela baixou para 98 [ri] e a minha tá 104. Tá quase, tenho que fazer novos exames agora. Então assim, faço exames de seis em seis meses. Eu sempre acompanho. Então, qual o ganho disso aqui? A minha glicose tá beleza, meu colesterol ruim, que é aquele que tem gordura, tá abaixo de 150. (Adenilson).

Primeiramente, é possível identificar um interesse meramente privado na utilização da horta comunitária. A fala do Adenilson vai de encontro às minhas observações e anotações no diário de campo. Além disso, esses aspectos desapegados de questões sociais e comunitárias também aparece na literatura internacional sobre as RAAs (Veen, 2015), mas também é discutida na literatura brasileira. Pelo levantamento de Branco e Alcântara (2011) isso se dá principalmente pela realidade social de regiões de baixa renda no Brasil, onde há grande interesse dos envolvidos na otimização de seus orçamentos familiares. Porém, o trabalho de Comassetto *et al.* (2012), que trabalha com um contexto específico de AUP em uma capital brasileira (aparentemente com entrevistados de renda média maior), apesar de surgir uma certa preocupação ambiental, é evidente o caráter conspícuo do consumo desses alimentos. Contudo, apesar do interesse privado, o caráter *alternativo* da horta do Granja verde não entra em xeque, já que ainda há um elemento antissistema forte, como veremos adiante.

Também é possível verificar o percurso semântico utilizado nos fragmentos que, além de atribuírem um valor negativo para a palavra “*remédio*”, os entrevistados criam em seus discursos um momento de quebra, no qual a saúde tem ganhos quantitativos e o consumo de medicamentos industriais reduz. A seleção lexical “*você tem que ver o poder das plantas*” é ilustrativo pelo fato do entrevistado atribuir a melhoria no seu quadro de saúde e da sua esposa ao consumo de alimentos mais saudáveis, ou a soluções produzidas por ele mesmo, como os chás medicinais. Como um alquimista, ele produz suas soluções com todo o zelo, que pode ser demonstrado pelo uso de diminutivos como “*folhinhas*”, “*aromazinho*” e “*galhinhos de hortelã*”. A sua expressão corporal nesse momento ia dançando com sua fala, e os dedos trabalhando como se estivesse salpicando sal em uma panela. Como um alquimista, novamente, ele atribui um certo “*poder*” – em um caso de refração linguística – à propriedade das plantas.

Em outros casos, a seleção lexical “*remédio*” tem conotação positiva, mas quando isso acontece, vem sempre acompanhada de lexicais como “*homeopáticos*” ou “*natural*”, que funcionam como elementos qualificadores do primeiro termo, mudando seu valor atribuído. O fragmento discursivo 4 é interessante nesse sentido.

(4) [. . .] Aqui nós não usa veneno não. De jeito nenhum. Nosso remédio aqui é água da COPASA. Isso aqui é o remédio, somente. Não pode usar veneno. (Cláudio).

Além do entrevistado utilizar as palavras “*remédio*” e “*veneno*” como sinônimos, reforçando o valor negativo da primeira, no momento seguinte, por meio do uso da figura da

COPASA ele demonstra que pode haver bons e maus remédios, porém, o bom remédio deve sempre vir acompanhando de uma figura qualificante, personagem ou lexical que o justifique.

De forma geral, a melhoria da saúde dos consumidores-produtores tem um momento de inflexão, que é o envolvimento na horta e, além de ser tangibilizado por meio de resultados de exames clínicos, também é demonstrado quando há relatos sobre a redução no consumo de medicamentos industriais. Neste ponto me chamou atenção uma narrativa antissistema presente no discurso dos envolvidos com a horta. Não apenas no que diz respeito ao abastecimento de alimentos, mas também com relação à indústria farmacêutica. Na definição de uma RAA o caráter antissistema é central (Goodman *et al.*, 2014). Contudo, uma questão que surgiu no campo: esse aspecto associado às RAAs extrapolou para outras formas de consumo, como o caso dos medicamentos. O caso do Granja Verde é semelhante ao que aconteceu na AUP da cidade de Embu das Artes, São Paulo (Costa *et al.*, 2015), quando o consumo de orgânicos extrapolou para o interesse em fitoterapia e homeopatia. Mas continuemos...

(5) [. . .] O pessoal não quer saber da saúde da população não, Breno. Se você não tiver um conhecimentozinho, uma cabeça boa, você tá ferrado, cara. Porque o mercado te oferece tanta coisa. Você vê tanto suco, tanto biscoito... tudo é só coisa ruim pra sua saúde. (Adenilson).

O fragmento discursivo 5 é claro quanto ao caráter antissistema presente no contexto das RAAs. Dessa forma, a horta do bairro Granja Verde (uma forma de RAA) funcionaria também como uma espécie de trincheira para proteger os consumidores das ameaças da indústria farmacêutica e de alimentos. Com isso, a indústria seria um grande personagem presente nos discursos dos consumidores-produtores, que atua como uma entidade onipresente e, estando a mercê dela, sua saúde estaria ameaçada a todo momento. A única forma de escapar dessa entidade onipresente seria se entrincheirando em locais como a horta comunitária do bairro Granja Verde, que funcionaria como um “oásis” de saúde e bem-estar (ou para se sentir bem).

Há uma discussão relevante para se fazer nesse ponto, pois

“consumidores se tornaram agentes significativos da mudança nas relações sociais e ecológicas da produção, e o ritmo dessa transformação depende da consolidação de valores cada vez mais alternativos nas práticas cotidianas de provimento alimentar e circuitos globais de comércio. (Goodman, *et al.*, 2014, p. 5, tradução nossa).

Dessa forma, a agência dos consumidores pode alterar estruturas sociais, o que está de acordo com a teoria da estruturação de Giddens, do *habitus* de Bourdieu, e com a literatura sobre as RAAs. Neste último, principalmente se analisarmos o trabalho de Crivits e Paredis (2013). Por meio de suas ações cotidianas, os atores sociais podem alterar estruturas sociais (ou de mercado), pois estas são fonte de coerção, mas também permissoras da ação humana (Giddens, 2013). No caso da horta do bairro Granja Verde, os atores envolvidos com a prática de AUP conseguiram, de certa forma e em certa medida, se “blindar” do sistema industrial tanto farmacêutico quanto alimentar.

Não é possível saber se a melhoria na saúde dos moradores se deve por se alimentarem de produtos orgânicos ou pelo fato de estarem em atividade na horta e se sentindo bem com eles mesmos. Os próprios entrevistados e outras pessoas que abordei se confundem ao explicar o que pensam ser o fator transformador da saúde. O fato é que eles atribuem à horta, seja pelos alimentos que produz ou pelas atividades que proporciona, um ponto de transformação em suas vidas. Por isso, outra categoria que emergiu do campo, desta vez menos tangível que esta, diz respeito a esse sentimento positivo relatado pelos entrevistados, que chamo de estado de se sentir bem.

4.2 O sentir bem como benefício intangível

Já mencionei anteriormente que quando optei pela expressão *sentir bem* queria dar toda a importância necessária ao sentimento do indivíduo e fugir de armadilhas semânticas relacionadas ao desgastado termo “bem-estar”. Outro ponto importante a destacar é que em muitos casos o sentir bem está estreitamente relacionado com questões de saúde. Por esse motivo procurei dividir as categorias em mais tangíveis (para temas de saúde) e menos tangíveis (para temas relacionados ao sentir bem). O fragmento discursivo seguinte (6) é ilustrativo dessa relação entre as categorias. De forma geral, os entrevistados não fazem distinção clara entre saúde e sentir bem, indicando que os dois elementos estão relacionados. *Mente e corpo se confundem, como demonstrei anteriormente.*

(6) [. . .] A saúde melhorou muito, minha e de muitos companheiros. Nós temos exemplos ali, um moço de 93 anos que vive em atividade. Outro moço ali, ele tinha problema de saúde e assim que ele começou a mexer acabou o problema dele. E a saúde e espiritualmente a gente melhora muito. A saúde e a qualidade de vida [. . .] O senhor Osvaldo tá aí. Plantando e pondo muita gente no bolso. É uma referência muito grande. (José).

Me chamou atenção especialmente a seleção lexical “*espiritualmente a gente melhora muito*”, que apresenta uma refração linguística com “*espiritualmente*”, semelhante ao que acontece com “*poder das plantas*” presente no fragmento discursivo 3. Essas expressões demonstram, novamente, a horta do bairro Granja Verde como uma entidade com certa propriedade de cura. É possível também identificar no fragmento 6 como as questões de saúde e “*espirituais*” estão relacionadas. O percurso semântico utilizado demonstra essa confusão, mas deixa claro que há um estado de se sentir bem, independente do entrevistado ter dificuldade de o expressar verbalmente. Além disso, novamente o senhor Osvaldo aparece como personagem de referência para outros moradores do bairro.

Quando o entrevistado utiliza lado a lado os lexicais “*saúde*” e “*espiritualmente*” fica evidente a relação entre mente e corpo e uma dificuldade de realizar a separação entre os dois. Parece não ser possível uma melhora do estado de saúde mais tangível (como demonstrei na seção anterior) sem a melhora no estado de se sentir bem, mais intangível, que procuro demonstrar aqui. Na sequência, o entrevistado José coloca as duas questões lado a lado, como um reforço: “*a saúde e a qualidade de vida*”. A questão “*espiritual*”, dessa forma, parece conter todos os significados de bem-estar, qualidade de vida e saúde mental, mas ainda não é um regozijo (este caso veremos no segundo parágrafo abaixo).

O “*espiritual*” é um estado mental que serve de pilar para melhorias no quadro de saúde tangível. E a mente, como diz Schatzki (2008), pode ser entendida como “estado das coisas”, ou como as “coisas se apresentam e passam para alguém; e fenômenos mentais [. . .] são aspectos ou formas disso” (p. 22, tradução nossa). Este trecho parece ilustrar justamente o que passa na mente de José que ele expressa como “*espiritualmente*”. Afinal, para Wittgenstein, “palavras como ‘dor’, ‘alegria’, ‘crença’, ‘dúvida’, ‘pensamento’ e ‘esperança’ são usadas para articular como as coisas se apresentam e passam para alguém” (Schatzki, 2008, p. 23, tradução nossa).

Em outro caso de refração linguística utilizado para expressar um estado de se sentir bem, o senhor Cláudio utiliza a seleção lexical “*festa*” para demonstrar como se sente quando começa a trabalhar na horta.

(7) [. . .] Pra mim é uma festa, É uma festa isso aqui pra mim. Tá vendo? Fiz uns três canteiros e peguei aqui. Amanhã eu pego aqui e saio lá naquele canteiro lá, tá vendo? Aí eu paro, porque não tem mais lugar de eu cavar. Aí agora eu vou trazer o esterco, samear aqui e plantar quiabo. (Cláudio).

Cabe destacar que o senhor Cláudio não possui um domínio da variedade padrão formal da língua portuguesa (o que foi possível observar nos contatos que tive com ele), mas se demonstra completamente exímio e hábil na língua viva⁴ ao trazer neologismos como “*samear*” e ao se utilizar da palavra “*festa*” para explicar como se sente ao trabalhar com a terra. Pelo percurso que escolhe, o senhor Cláudio deixa a entender que se trata de uma “*festa*” agitada, com muitas atividades, mas que se sente extremamente bem com esse “*agito*”. O fragmento discursivo (8) é ilustrativo.

(8) [. . .] Só de você ficar aqui tomando esse sol e suando aqui [. . .] Isso aqui é bom demais, sô. Isso aqui tava molhadinho de suor, tava sentado ali e já enxugou. Só isso aí você vê a como é que você sente bem. Chega lá em casa, toma um banho, vai lá no sofá. Quando dá três horas torna vim praqui, sai daqui cinco e meia, seis horas. (Cláudio).

Como se vê, o se sentir bem para o entrevistado Cláudio se dá de forma um pouco distinta do que foi visto até aqui. Para ele, o trabalho aparece semelhante a uma purificação do espírito (diferente do que se dá com a “*alquimia*” e contemplação do senhor Adenilson). O suor é a materialização de que o seu dia foi gratificante. Nesse aspecto, parece que a utilização do lexical “*festa*” é bem adequada, pois uma festa é normalmente um ambiente mais agitado e não propício à contemplação e ao descanso físico. Contudo, isso demonstra que o se sentir bem, como venho colocando desde o início da análise, depende fundamentalmente do ator social. Cada um deles se coloca nessa posição de formas distintas, além de possuir entendimentos diversos sobre o que é sentir bem. Apesar dessas diferenças, a horta do bairro Granja Verde se coloca como um meio para os indivíduos alcançarem esse estado. Seja como mudança “*espiritual*”, seja como “*festa*”, o que os indivíduos relatam é como a mente se apresenta para eles, como é o estado das coisas para eles, e relatos semelhantes estão presentes em trabalhos envolvendo RAAs e a AUP (Branco & Alcântara, 2011; Goodman *et al.*, 2014; Costa *et al.*, 2015; Ribeiro *et al.*, 2015; Veen *et al.*, 2015).

É possível perceber ainda no fragmento discursivo 8 o quanto as práticas, que dependem de uma rotina, negociam com uma rotina anterior já pré-estabelecida na vida do indivíduo. Como resultado, a prática se ajusta a uma rotina geral, negociando frequentemente para sobreviver. A seleção lexical “*chega lá em casa, toma um banho, vai lá no sofá*” demonstra o que o entrevistado faz depois da prática da agricultura, pois parece haver um ritual – ou uma rotina – para se preparar para novamente voltar ao trabalho na terra. Há no

⁴ A abordagem wittgensteiniana de Schatzki (2008) demonstra que a língua é transformada pelas práticas, e não uma estrutura externa ao indivíduo.

fragmento discursivo, inclusive, horários que ele cita como seus balizadores das atividades que precisa executar.

Em outros casos, o se sentir bem está relacionado com o fato das pessoas estarem fora de suas casas e em convívio com outras, trocando experiências e cultivando na horta. O fragmento discursivo 9 traz essa questão e coloca outras. Este achado vai de encontro ao que Ribeiro *et al.* (2015) encontraram ao investigar uma AUP no município de Embu das Artes, São Paulo. Os autores verificaram que houve melhorias em quadros de depressão dos envolvidos, acompanhado da troca de informações pelo convívio social entre eles.

(9) [. . .] porque a depressão vai muito da pessoa ficar parada, não ter com quem conversar, ficar quieta dentro de casa e não ter o que fazer. E isso ai vai acumulando uma depressão na pessoa e ela vai ficando e tendo aqueles sentimentos que ela não é capaz de nada, de que ela não tem força de sair de casa. E aqui na horta a gente compartilha o conhecimento de um com o outro, o que um aprende passa para o outro; e sempre que um tá vindo visitando o outro e batendo um papo; e mais a terra que a pessoa vê, que a plantinha tá ali, ele tem aquele poder de fazer aquela plantinha crescer e produzir. Isso aí a depressão vai embora, isso aí é com certeza é uma cura, né? (João Paulo).

No fragmento 9 o tema da depressão aparece como um contraponto ao estado de se sentir bem, que venho discutindo nesta seção. Novamente a horta aparece como um ponto de inflexão e cura. Além disso, a horta faz com que o indivíduo se coloque como um ser de “*poder*”, com capacidade de “*fazer aquela plantinha crescer e produzir*”. Não é exagerado afirmar, até mesmo pelo que já analisei até aqui, que a horta no bairro Granja Verde possui uma certa mística, e que por meio dela é possível obter a cura, do corpo e do espírito. Seja por meio da expiação pelo suor, pelo consumo de suas plantas, por meio da contemplação (que também não deixa de ser uma forma de consumo) ou pelo convívio social que ela proporciona.

Outra vez temos a horta como meio para solucionar questões da mente. E, novamente, a relação corpo-mente se coloca como fundamental da prática. Enquanto a mente é o estado de como as coisas se apresentam para o indivíduo, é por meio do corpo que ele irá expressar seu estado mental (Schatzki, 2008). No fragmento discursivo 9, o que acontece é um caminho inverso, no qual as atividades do corpo vão intermediar a percepção do indivíduo sobre o estado das coisas, ocasionando uma transformação mental. Isto também é possível de se extrair da análise wittgensteiniana de Schatzki (2008), que entende a impossibilidade de dissociação de corpo-mente, o que é possível também de se observar na prática de AUP do bairro Granja Verde pela dificuldade que os praticantes têm em fazer essa separação em seus discursos.

No fragmento 9 também é possível observar, pela seleção lexical “*a gente compartilha o conhecimento de um com o outro*”, que se segue à explicação de que a depressão acontece pelas pessoas ficarem “*dentro de casa e não ter o que fazer*”, o poder recrutador das práticas sociais, demonstrado por Shove e Pantzar (2007b). Ou seja, a prática de AUP do Granja Verde é capaz de recrutar as pessoas a saírem de casa e a começarem a ter novas atividades, as retirando, assim, de quadros de depressão. O que aconteceu com uma amiga do entrevistado, que ele relatou que ajudou nesse processo.

Contudo, nem tudo é tão poético. Percebia algumas situações que quebravam essa aparente harmonia. Há na horta comunitária do bairro Granja Verde uma série de conflitos e disputas que acabam por testar a coesão dessa prática que, apesar de tudo, resiste no tempo-espaço.

4.3 Entre conflitos e disputas

Para que uma prática possa se dispersar pelo tempo-espaço é preciso um esforço dos praticantes, que são os responsáveis por carregá-la e também são o local de sua ocorrência (Warde, 2005; Shove & Pantzar, 2005; Shove & Pantzar, 2007b). Giddens (2013) também alertara que uso do poder – cujo o estudo é central para as ciências sociais – é a forma com a qual o indivíduo pode “fazer diferença” no estado das coisas. Dessa forma, pode-se observar que no bairro Granja Verde há uma luta de poder entre práticas distintas, na qual a prática da agricultura urbana ainda resiste. A utilização do poder de mudar o estado das coisas, que era o “lixão” no bairro, foi utilizado por alguns moradores (questão também encontrada no trabalho de Branco & Alcântara, 2011). Contudo, sempre confrontados, seja pelo poder público, seja por outros moradores, como é demonstrado pelo fragmento discursivo 10.

(10) [. . .] a gente fazia a cerca, aí a Defesa Civil de Betim vinha para poder tirar a cerca. Aí esse amigo nosso que trabalhava na prefeitura chegava e mandava colocar a cerca, falava que era ordem dele. Aí virava e mexia a prefeitura vinha. Porque tinha muita gente contra a gente cercar, porque pensava que a gente tava invadindo. (José).

É possível observar a tensão entre três agentes: poder público, moradores interessados em cercar o espaço e moradores contra as cercas por pensarem se tratar de invasão de terreno público. Com o passar do tempo, a prática da agricultura urbana foi prevalecendo, mas sem dirimir completamente a tensão com outros tipos de prática. Apesar de haver uma preocupação ambiental social inicial, o que pude verificar enquanto conversava com os

consumidores-produtores era que os interesses privados ao se envolver com a prática acabaram prevalecendo, como vamos discutir adiante.

Imagem 4 – Criação de galinhas vista através da cerca



Fonte: foto do autor

(11) [. . .] Você está vendo aí que tem muitos lugar que tá abandonado. Esses abandonados mesmo, não vou falar por todos não, mas a metade deles aí é segurando terra. E por último você viu que o menino pegou um carro ali [. . .] (João Paulo).

A seleção lexical “*segurando terra*” indica que alguns dos moradores que têm o espaço para realizar agricultura estão com expectativas de que um dia eles poderão possuir o terreno ou, até mesmo, erguer edificações no local. O entrevistado ainda relata um caso de um morador que trocou o seu direito de utilizar o terreno por um carro, o que demonstra interesses diversos ao da agricultura, além de meramente privados.

Perguntei em diversas ocasiões por que restaram poucos moradores ativos no trabalho da horta (obtive relatos de que aproximadamente 15 estão ativos atualmente, do total de mais de 50 lotes) e, além do argumento de que muitos estão com outros interesses no espaço, como demonstrei anteriormente, há também uma ideia generalizada de que para trabalhar com a terra é necessário uma identificação e um *gostar* (este ponto será discutido na seção 4.4.4).

Essa percepção, contudo, é o que faz os moradores restantes resistirem no local e lutarem pela manutenção do espaço. Há uma tentativa dos moradores mais ativos de convencer outros a plantarem, ou de retirar o direito do uso daqueles moradores que deixam seus lotes abandonados. E assim eles resistem, mas é um tema complicado e sensível, como demonstrado pelo fragmento discursivo 12.

(12) [. . .] se você não planta, pra que que você quer o terreno aqui? Ou ali na frente ali... pode olhar que o mato tá ali, depois da cancela, segundo lote. Agora você vai lá pra falar pra plantar. Ainda quer arrumar problema com nós aí. Fala com ele? Se ele não te der um tiro... (Cláudio).

A seleção lexical “*se ele não te der um tiro*” reforça alguns relatos de ameaças que coletei. Como estou querendo demonstrar, a resistência dos moradores consumidores-produtores se dá de forma hábil a explorar os limites do convívio social com aqueles que não têm os mesmos interesses – ou a mesma hierarquia de valores – por não participarem da mesma prática. Schatzki (2008) utilizaria o termo *estrutura teleoafetiva* para designar essa relação de valores e o caráter normativo (sobre o que é certo ou não fazer em determinada situação social). Contudo, Warde (2005) utiliza o termo engajamento. Este termo, no caso da horta do bairro Granja Verde, parece servir melhor para explicar como a prática da agricultura se dispersa pelo tempo-espaço e resiste, pois depende de uma atuação ativa e constante dos consumidores-produtores mais envolvidos.

Ao dizer que os interesses privados acabaram se sobressaindo aos interesses socioambientais, não quero dizer que estes não existam, mas sim que eles permanecem na periferia da rede de interesses relativos à prática. Trago o fragmento discursivo 13, que é ilustrativo desse ponto de tensão presente no Granja Verde que se equilibra entre o que é “comunitário” e o que é privado.

(13) [. . .] o comunitário aqui é modo de dizer. Não é bem comunitário gratuito, porque a pessoa tem gasto com esterco, então ele vende baratinho, mas acaba vendendo. (João Paulo).

Percebe-se que, ao utilizar a seleção lexical “*comunitário*”, o entrevistado a associa ao gratuito, no sentido de que o que ele produz deve ser compartilhado com a comunidade. Ele e outros consumidores-produtores se demonstraram incomodados com a frequência com que alguns vizinhos pedem os produtos, pois “*a pessoa tem gasto com esterco*” e outras coisas além do tempo dedicado. A seleção lexical “*porque*” é utilizada para justificar que o “*comunitário é modo de dizer*”.

Após ter autorização da associação para utilizar um lote, os consumidores-produtores entendem que o que será produzido será dele e da sua família (o que não impede que estes façam doações, como acontece muitas vezes). Além disso, o interesse privado também se manifesta quando notei a busca pelas melhorias de saúde e no estado de se sentir bem como grandes motivadores de suas atividades.

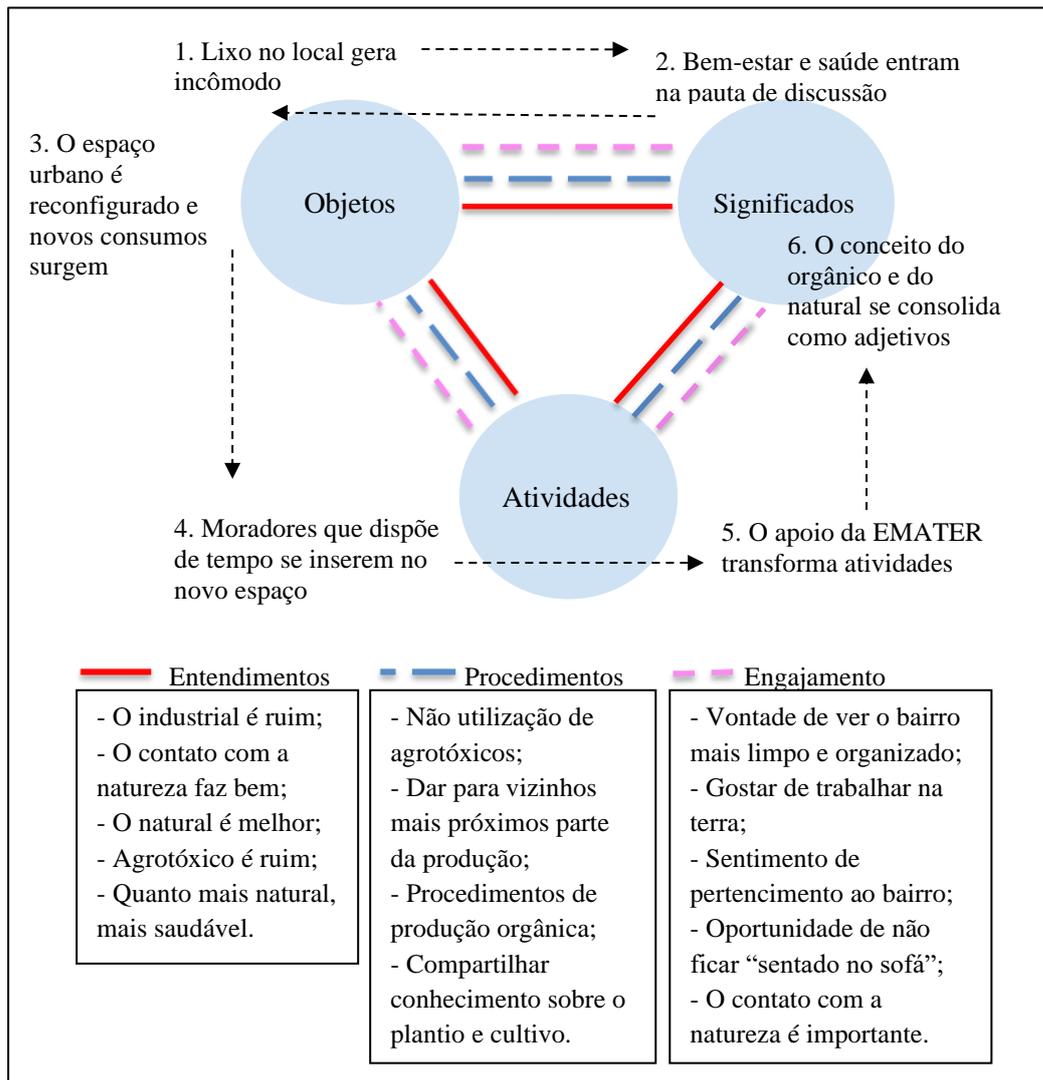
A questão da geração de renda, contudo, como alguns consumidores-produtores vendem “*baratinho*”, como demonstra o fragmento discursivo 13, não é um interesse privado prioritário no caso do Granja Verde. Não há uma estratégia comercial (mesmo que informal) definida pelos moradores ou pela associação. Os produtores vendem algumas verduras, ovos de galinha, etc., esporadicamente, não sendo o objetivo principal e, nem mesmo, sendo o resultado principal e melhor avaliado de suas práticas. Há uma diferença entre o caso do Granja Verde e outras configurações de AUP brasileiras, como demonstra Branco e Alcântara (2011). Contudo, isso é normal se tomarmos a segunda implicação de Warde da TP para os estudos de consumo de que as práticas possuem performances diferentes dependendo do contexto sócio-histórico-cultural em que surgem.

4.4 Traçando o circuito da prática

Após realizar a análise das categorias que emergiram dos dados, nesta seção traço o circuito da prática de Magaudda (2011) relativo à prática da agricultura urbana do bairro Granja Verde (Figura 4). Ao realizar a análise das categorias, constantemente esbarrava em pontos de inflexão entre objetos, atividades e significados. Por exemplo, ao abordar as narrativas sobre o lixo no bairro, percebi que foi um ponto de inflexão para que os indivíduos iniciantes pudessem ser recrutados pela nova prática. Os pontos de inflexão do circuito (setas tracejadas) foram numerados de 1 a 6.

Não poderia deixar de lado, contudo, a análise do nexos e seus elementos, que dá coesão ao fenômeno. Como destaquei anteriormente, ao identificar uma lacuna teórica, atualizei o modelo de Magaudda, incrementando-o com elementos fundamentais para o entendimento das práticas sociais: entendimentos, procedimentos e engajamentos. Faço esse tratamento na seção 4.4.4.

Figura 4 - Circuito da prática no caso da horta do bairro Granja Verde



Fonte: elaborado pelo autor

O circuito da prática da agricultura urbana encontrado no caso da horta do bairro Granja Verde demonstra o papel indutor dos objetos para a configuração da prática. Foram os objetos que, descartados de forma inadequada nas áreas de servidão da CEMIG, deram o estímulo para que os moradores do bairro pudessem colocar em pauta questões relacionadas à saúde e bem-estar. Como resultado da discussão, o espaço público foi reconfigurado, surgindo daí a horta comunitária do bairro. Com isso, o surgimento da horta pode proporcionar também novas formas de consumo e novas atividades associadas. Cabe ressaltar que, para que as novas atividades pudessem surgir, a disponibilidade de tempo dos envolvidos foi fundamental. Na medida em que a horta e as atividades administrativas concernentes foram se tornando mais consolidadas, o envolvimento da EMATER foi a chave para que novas atividades fossem introduzidas na configuração e, não menos importante, fosse condensado o significado do orgânico e do natural enquanto adjetivos. Dessa forma, quando alguém

quisesse reforçar que o chá de pariri tem propriedades anti-inflamatórias, bastava dizer que se tratava de um remédio “*natural*” para que o significado de *remédio* perdesse o caráter pejorativo.

Os elementos se relacionam uns com os outros, sofrendo influências e influenciando simultaneamente. Em alguns casos, inclusive, um elemento reforça o elemento seguinte, como é o caso da EMATER, que alocamos em atividades, e que acabou reforçando e atualizando os significados de *natural*, *veneno* e *saudável*, por exemplo, quando introduziu o conceito de *orgânico*. Essas influências, juntamente com os elementos do nexa, têm o poder de se reforçar, tornando a prática cada vez mais sólida, ou, ao contrário, de darem espaço a novas práticas, acabando por se exterminarem⁵.

A seguir, irei detalhar cada elemento do circuito e a dinâmica existente entre eles, que foi possível capturar pela análise de conteúdo e observação participante.

4.4.1 *Objetos e consumos tangíveis*

O referencial teórico nos mostrou que os objetos têm a capacidade de introduzir os indivíduos em práticas sociais, ao mesmo tempo que estas podem moldá-los (Shove & Pantzar, 2005; Schatzki, 2008). Para fins da análise, vou entender as instalações da horta como o novo objeto que surgiu no bairro Granja Verde e que levou os moradores à uma nova prática. Por outro lado, os objetos inutilizados, ao se tornarem lixo, acabaram induzindo a prática da agricultura urbana como forma de buscar saúde e bem-estar para os moradores do bairro. Dessa forma, os objetos, também por associações negativas (lixo, entulho, etc.), tiveram papel fundamental no estabelecimento da horta comunitária que, em seguida, introduziu a nova prática social, como acontece em casos brasileiros (Branco & Alcântara, 2011).

Seria incorreto, contudo, afirmar que as práticas de descarte de lixo foram reconfiguradas. Com o surgimento da horta e o conseqüente levantamento das cercas, os moradores do bairro – e os consumidores-produtores – continuaram a descartar o lixo da mesma forma que antes, porém em outros locais. Contudo, o contraponto da horta com o lixo que havia anteriormente no local é possível de se observar quando os entrevistados mostram o seu terreno e suas instalações com sentimento de orgulho e demonstram o zelo que têm pelo

⁵ Giddens, 2013, diz que a estrutura é restritiva e permissora simultaneamente e, sendo assim, a prática pode se reforçar ou ceder espaço à sua transformação.

local. É possível observar uma contradição entre o discurso do zelo pelo local e a prática do descarte do lixo que, realizado da mesma forma de antes à horta, apenas mudou de local. Dessa forma, o objeto – seja o lixo ou o equipamento urbano –, enquanto elemento da prática da agricultura no bairro Granja Verde, entra como um ponto de antítese que vai desencadear novos significados e atividades, que virão em contraponto ao que estava estabelecido no local.

Também é intuitivo pensar que a imersão nas práticas da agricultura urbana desencadeou uma busca por ferramentas de trabalho mais sofisticadas, à medida em que as práticas, com a rotina, foram se aperfeiçoando e se consolidando. Mas isso não foi verificado no caso do Granja Verde. Os produtores não ostentam suas ferramentas com orgulho, como sendo as últimas aquisições. Aliás, em muitos minutos de conversa, pouco se fala das ferramentas, e muito mais do local e dos conflitos em relação ao terreno. O sentimento de orgulho fica por conta da beleza do espaço de cada um, da beleza das plantas e da limpeza dos pequenos lotes e da área como um todo. Os consumos associados gerados pela imersão nas práticas da horta do bairro Granja Verde fica em grande parte por conta de adubos naturais e mudas, e não do ferramental.

Quando a literatura abordou a questão de que novas práticas geram consumos associados, não cheguei a pensar, apesar de quase óbvio, que novas práticas também podem eliminar ou reduzir substancialmente outros tipos de consumo, como é o caso dos remédios industriais, de acordo com o que foi demonstrado na seção 4.1. Além disso, nas suas respectivas hortas foram plantadas várias soluções naturais, plantas como pariri, azedinho, boldo, etc., gerando o interesse e o consumo de soluções naturais. O senhor Adenilson, por exemplo, destaca que não compra mais sucos industrializados ou refrigerantes, já que tudo que precisa encontra na horta. Ele também conta com orgulho o hábito alimentar do seu filho mais novo:

(14) [. . .] Se você colocar para ele um copo de Coca-Cola ou qualquer outro refrigerante e um copo de limonada sem açúcar, ele vai na limonada sem açúcar. [. . .] Aí eu vejo ele com nove e um primo dele que está com oito, é como se fosse o gordo e o magro perto um do outro. (Adenilson).

É possível perceber uma série de valores associados ao que se consome. Fica claro, como já demonstrado, que alguns produtos industriais recebem valores negativos, enquanto que os produtos da horta recebem valores positivos no que diz respeito à saúde e à sensação de estar bem. O senhor Adenilson, inclusive, como demonstrado no fragmento discursivo 14, se utiliza de vários personagens no seu discurso como estratégia argumentativa. Compara o

seu filho com um sobrinho, demonstrando certo orgulho da educação alimentar que proporciona para a geração seguinte. Quando o entrevistado fala de seus bons resultados de exames clínicos (também chegou a citar sua esposa) e, na sequência, compara atributos físicos visíveis de seu filho com um sobrinho, fica claro que ele quer reforçar e justificar que isso tudo só é possível devido ao seu trabalho na horta. Novamente, por meio da prática foi possível estabelecer uma hierarquia de interesses e valores que guia, de certa forma, a ação dos indivíduos na sociedade. Essa questão que, de certa forma, também sustenta a prática enquanto performance, é fundamental na sua dispersão no tempo-espço (Schatzki, 2008).

Além do fragmento anterior ter um discurso antissistema proeminente, o interesse nutricional relacionado ao que se consome já aparece muito evidente. Esse aspecto reforça a ideia da horta do Granja Verde como um “oásis” dentro de um ambiente urbano, mas não só como ponto de “descompressão”, mas também como forma de sobreviver à indústria de alimentos consumindo o mínimo de produtos processados possível⁶ (Truchero, 2015).

4.4.2 Atividades

Com o surgimento da horta, os entrevistados relatam a alteração de suas rotinas. Todos eles, como é possível ver no Quadro 1, possuem tempo disponível para se dedicar rotineiramente ao trabalho na terra devido ao fato de não estarem exercendo atividades profissionais fixas. Isso demonstra que a introdução das práticas de agricultura em suas rotinas não lutou com outras atividades profissionais para ocupar, como relatam, aproximadamente 4 horas dos seus dias. Essa informação dá outra perspectiva sobre a imersão dos indivíduos entrevistados nas práticas de agricultura urbana. Ou seja, a imersão nas práticas dependeu de uma combinação de fatores não planejados e imprevistos. Apesar de ter havido conflitos e a apropriação de uma área de servidão da CEMIG, foi uma combinação de situações que proporcionaram o surgimento da configuração como se encontra hoje e das novas atividades envolvidas.

O senhor Adenilson me contou que apesar de estar envolvido com a parte burocrática da associação desde o início, foi apenas depois de sua aposentadoria que pode, de fato, se dedicar à produção no seu terreno. O engajamento nas atividades da horta indicam depender do tempo livre e de uma afinidade pelo trabalho na terra. Apesar de abordar o nexu em seção

⁶ Para não desviar o foco da discussão central que propus, preferi não me adentrar no tema dos *desertos alimentares*. Essa discussão trata, em sua origem, da dificuldade de acesso a alimentos mais saudáveis e pouco processados por consumidores localizados em regiões geográficas de escassez desses produtos.

específica a seguir, opto por demonstrar aqui, quando estou na seção sobre um dos elementos da prática enquanto performance – as atividades – a importância do nexo para deixar viva uma prática (e suas atividades). Ou seja, a prática da agricultura urbana, por meio de suas atividades componentes, na percepção dos entrevistados, depende de um gostar, ou de um engajamento para se perpetuar no tempo e no espaço.

Um ponto importante para o estabelecimento de novas atividades na horta foi o apoio da EMATER que, segundo os entrevistados, os ajudou a descobrir novas formas de plantar e cultivar, quebrando alguns mitos. Um exemplo, segundo o senhor José, é que havia uma tradição de que não se poderia plantar quiabo estando agachado, sob a consequência dele não se desenvolver. Depois que a EMATER os ensinou novas técnicas, algumas atividades foram extintas e outras acrescentadas. Apesar dos entrevistados relatarem experiências anteriores com a agricultura, o papel da EMATER foi determinante para que pudessem produzir alimentos orgânicos, adquirir novos conhecimentos e aumentar a produtividade da área cultivada.

Por meio da EMATER e, em alguns casos, por trocas de experiências e informações, os moradores envolvidos também puderam inserir em suas rotinas novos hábitos, como o consumo de chás para circunstâncias diversas. Isso demonstra também a alteração de rotinas e a inserção de novas atividades por meio da prática da agricultura urbana. Outros moradores do bairro que não produzem hortaliças, frutas ou ervas também vão à horta para poderem pegar o que for necessário com seus amigos. Dessa forma, além de impactar de forma direta aqueles consumidores envolvidos com a produção dos alimentos, a horta também gera impacto nas atividades de consumo dos moradores do bairro, que deixam de comprar alguns alimentos em sacolões tradicionais e também consomem chás para algumas enfermidades. Neste caso, há uma troca de informações sobre quais plantas são melhores para cada condição médica ou psicológica. O senhor Rodrigo, inclusive, se mostra cauteloso, dizendo que ele recomenda que as pessoas pesquisem mais antes de tomar qualquer tipo de chá. Esse achado vai de encontro ao trabalho de Costa et al. (2015) ao observar que o envolvimento de indivíduos com equipamentos de AUP pode despertar o interesse por medicinas alternativas.

Neste ponto, o achado vai de encontro à primeira e à quarta implicação da TP para os estudos do consumo proposta por Warde (2005). A primeira implicação diz respeito à presença do consumo a todo momento nas práticas sociais, o que é possível observar quando uma prática acaba demandando medicinas alternativas, por exemplo. A quarta implicação se relaciona com a propriedade das práticas de desencadear uma multiplicidade de práticas subsequentes, por exemplo, quando o consumidor adquire o interesse por medicinas

alternativas na AUP do bairro Granja Verde e, com isso, mergulha em uma prática associada, como a fitoterapia.

Ainda sobre as atividades, é possível observar, portanto, como vimos na seção anterior (objetos), que o surgimento da horta proporcionou alterações nos padrões de consumo e que, em sequência, atividades (tema desta seção) também foram alteradas. As alterações são demonstradas pelo que foi relatado nos parágrafos anteriores, como o surgimento de novos hábitos, quebras de alguns mitos, aprendizado e aplicação de novas técnicas de plantio e cultivo, experimento de novas plantas, etc. No caso, a EMATER teve um papel fundamental nesse processo de alteração de atividades.

4.4.3 Significados

É possível observar, contudo, que no caso da prática que investiguei (agricultura urbana no bairro Granja Verde), alguns significados (juntamente com os objetos e atividades) são compartilhados pelos moradores e são parte estrutural da tríade que forma a prática enquanto performance. Enquanto entrevistava o senhor Ademir, por exemplo, ele me mostrava um tipo de abóbora que nem sabia de qual espécie era, mas ele a mostrava para seus colegas com certo orgulho e contemplação. Não tem como deixar de associar esse tipo de sentimento de saber o que está sendo consumido com a sensação de se sentir bem relatada pelos entrevistados, já que eles demonstram grande satisfação quando estão mostrando orgulhosamente seus produtos. Os significados – ou os dizeres – a respeito dos alimentos orgânicos produzidos na horta sempre estão associados à questões de saúde, pois são mais saudáveis. A conexão do alimento orgânico à melhoria na saúde parece ser óbvia para os entrevistados.

O significado de natural, no contexto dessa prática, está relacionado à não utilização de insumos industriais, como agrotóxicos ou adubos sintéticos. O fragmento discursivo 15 ilustra uma cadeia de relações que o lexical “*natural*” traz em sua esteira.

(15) [. . .] Ah... É mais saudável né. Porque a gente mesmo produz, não tem o veneno. Nós planta é na terra mesmo, só com esterco, se não tiver o esterco planta na terra normal, usa muito capim. Isso tudo aqui é matéria orgânica, né? A gente usa muito plantar mais natural, né? São mais saudáveis e em termos de qualidade de vida melhora muito também porque a gente desestressa. (Cláudio).

Analisando fragmento discursivo em suas partes, de acordo com a ordem de aparecimento, temos a seleção lexical “*veneno*”. O significado desta palavra dentro da prática

social de AUP do bairro Granja Verde se desloca para substituir termos como defensivos agrícolas ou agrotóxicos. Ao utilizar esses termos como sinônimos, fica evidente a associação do agrotóxico com a piora da saúde que, conseqüentemente pode causar mortes. O seu percurso discursivo traz a justificação da palavra veneno, antagonizando com o reforço de que “*Nós planta é na terra mesmo, só com esterco*” e na seqüência, associa essa forma de plantar com o reforço do significado de “*orgânico*”. Este senhor, apesar de visivelmente não dominar a variedade padrão da língua portuguesa, aparentar simplicidade em seus gestos e forma de se expressar, se utiliza de um lexical moderno e quase científico que é o “*orgânico*”.

A seleção lexical “*a gente usa muito plantar mais natural*” demonstra como significado de natural, para os imersos na prática da agricultura do bairro Granja Verde está associado com o significado de coisas “*mais sadias*”. Na seqüência, fica evidente que o senhor Cláudio não separa com clareza a diferença entre saúde e qualidade de vida, basta ver pela seleção lexical completa: “*São mais sadias e em termos de qualidade de vida melhora muito também porque a gente desestressa*”. Há uma mistura de sentimentos que se convergem para completar o que, para ele é o significado de “*natural*”.

Esses significados são associados à questões de se sentir bem. Sentir bem, para os entrevistados, está relacionado, em alguns casos, à alguma forma de desconexão com o meio urbano e com as formas de suprimento industrial. Em outros, o sentir bem pode ser entendido como uma recompensa ou satisfação pelo trabalho na terra. O sentir bem, de uma forma geral, também pode ser entendido como um *mix* de saúde, sociabilidade, e sensação de recompensa. Essa questão fica clara quando pergunto para um dos meus entrevistados se iniciativas como a do Granja Verde poderiam se repetir em outros bairros, e por que.

(16) [. . .] Pelo bem-estar das pessoas, em geral, a comunidade interagir e pelos benefícios que traz, você estando aí no dia a dia em contato com a natureza. Deveria ter mais. (José).

O fragmento discursivo 16 demonstra pelo seu percurso discursivo que o “*bem-estar*” a que se refere também está relacionado à interação com a natureza. A seleção lexical “*estando aí no dia a dia*” demonstra que essas atividades também dependem de uma rotina e que é este trabalho com as coisas da natureza que irá dar a sensação de estar bem. Com relação à seleção lexical “*a comunidade interagir*”, observa-se também que todo esse sentimento de estar bem, além de ter um caráter individual e até mesmo contemplativo, tem também uma veia social e interativa, que foi possível confirmar com minhas observações em campo. O fragmento discursivo 16, no caso da prática de AUP do bairro Granja Verde, pode

praticamente ser considerada a definição, ou seja, o significado de bem-estar para os indivíduos imersos nessa prática, que é justamente o se sentir bem para eles.

Como visto na literatura revisada, participar das mesmas práticas significa compartilhar os significados associados à prática (Schatzki, 2008) e, participar da prática da horta do bairro Granja Verde, diz respeito a compartilhar também esses significados de saúde e bem-estar.

4.4.4 Nexos, “colando” os elementos anteriores

Para que uma prática possa de fato existir, é necessário que seus elementos (objetos, significados e atividades) estejam coesos. Esta coesão, como demonstrei na revisão bibliográfica, é dada pelos entendimentos, procedimentos e engajamentos. Esses três elementos são os componentes do nexo (Warde, 2005; Schatzki, 2008) demonstrados pelos traços coloridos entre os círculos da Figura 4 e detalhados nos quadros inferiores.

(17) [. . .] Hoje eu vou lá no sacolão, eu compro, nem sei da onde veio, como foi feito, não agradeço [. . .] de vez em quando a gente vê: ‘ah, isso aqui tá uma porcaria’ [. . .] em vez de agradecer: ‘oh, Deus, eu estou tendo dinheiro para comprar, estou achando para comprar’, o cara ainda fala: ‘isso aqui tá uma porcaria’ [. . .] (Rodrigo).

O fragmento discursivo 17 é ilustrativo do *entendimento* (o que se diz a respeito e como se age diante de coisas) que, na visão do entrevistado, há em consumir um alimento que se sabe a origem. O senhor Rodrigo associa aos sacolões e supermercados um valor negativo no que diz respeito a saber qual a origem dos produtos. Muito além disso, é possível notar que ele deixa implícito que tem um respeito pelo alimento (independente da origem), e que não gosta que pessoas menosprezem uma fruta ou um legume por seu estado estético visual. O produto da horta do Granja Verde se insere nessa dinâmica como aquele que, ao contrário do sacolão, se sabe como e onde foi produzido e, por isso, inspira respeito. Os consumidores-produtores desses alimentos se relacionam com eles como entidades, dignos de respeito, contemplação e veneração. Um entendimento próximo ao sacro.

Ainda sobre o componente entendimento, as associações em relação ao industrial, à natureza, ao alimento natural e aos agrotóxicos predominaram nos dados. Ficou evidente que o entendimento em relação aos agrotóxicos também foi facilitada pela ação da EMATER no local o que, conseqüentemente, teve impacto negativo no entendimento e nos valores associados ao industrial. Contudo, quando abordamos as questões relacionadas à natureza e ao alimento natural, parece haver uma herança de práticas anteriores. Esse achado é muito

semelhante com a ideia de fossilização das práticas de Shove e Pantzar (2007a) e com a discussão de Warde (2005) sobre a trajetória das práticas. Em ambos os casos, o entendimento geral é de que as práticas sociais carregam uma carga histórica. O Fragmento discursivo 18 é ilustrativo.

(18) [. . .] Você concentra só nesse pedacinho, nem parece que você está na cidade, você está na roça. Então pra mim particularmente faz muito bem. Como eu gosto muito, a gente vem da roça, isso aí ajuda. (Rodrigo).

Não é só o caso do Rodrigo. Muitas das pessoas com quem tive contato, e seis dos entrevistados explicitamente, relataram uma experiência anterior na "roça". Pela seleção lexical "*pra mim particularmente faz muito bem*" fica claro que a horta se coloca como um ponto de "descompressão" em relação às coisas urbanas. Além disso, quando o entrevistado diz que "*a gente vem da roça, isso aí ajuda*", ele evidencia que o fato de já ter tido contato com uma prática de agricultura anteriormente, mesmo que "*rudimentar*" em suas próprias palavras em outro momento, é um fator para que ele se mantenha ativo na horta. É perceptível de que há um entendimento sobre o natural e a natureza que estão associados positivamente às coisas da roça, às vezes beirando o saudosismo (como achado no trabalho de Comassetto *et al.*, 2012, sobre nostalgia em práticas de agricultura urbana).

Outro aspecto relevante é que os benefícios econômicos da produção e da consequente redução da frequência de compras em sacolões e supermercados aparecem como resultados impremeditados e periféricos, o que diverge dos achados de grande parte das experiências brasileiras de AUP levantadas por Branco e Alcântara (2011). Os entendimentos sobre o "poder das plantas" e as associações com a saúde predominam entre os consumidores, mesmo que eles não tenham insumos técnicos para realizar a conexão entre consumir alimentos orgânicos e os benefícios para a saúde.

Já no caso do segundo componente donexo, os *procedimentos* (e regras), a EMATER teve papel fundamental na definição do como produzir e, apesar de hoje se fazer menos presente, esses procedimentos continuam sendo seguidos e compartilhados pelas pessoas no local. Apesar dos entrevistados e das pessoas com quem conversei já praticarem a agricultura anteriormente em outros contextos, não havia o conhecimento do conceito e das técnicas de produção de alimentos orgânicos. A EMATER levou à horta do Granja Verde um conhecimento que se consolidou em procedimentos e regras que hoje ajudam a manter a prática de agricultura no local coesa. O senhor Rodrigo diz que anteriormente o que praticava

era muito “*rudimentar*” e que hoje, com o conhecimento adquirido, pode produzir alimentos mais saudáveis e sem o uso de “venenos”.

Em um nível mais macro, a associação dos moradores também impõe certas regras e procedimentos para que se possa produzir no local e ter acesso aos terrenos. A própria associação, por meio de seu controle documental e atuação no bairro, faz com que os significados estejam associados com as atividades e ao objeto. Apesar de muitos quererem utilizar a horta com outros objetivos, seja para levantar edificações ou, como foi visto, para trocar em carros, os consumidores-produtores que estão ativos são os primeiros a notar e, com cuidado, reprimir outros tipos de interesses que não sejam a produção de alimentos no local. Dessa forma, no caso da horta do bairro Granja Verde há procedimentos e regras que são adequados e concernentes à prática no local e que a mantém coesa.

O terceiro componente do nexó é o *engajamento*, que se manifesta na prática da agricultura da horta do bairro Granja Verde com os sentimentos de orgulho e prazer que os consumidores-produtores demonstram. Além disso, há um esforço dos moradores mais engajados e ativos para manter a configuração da horta e suas atividades conforme estão. Essa luta entre práticas diferentes permeia a história da horta e, contudo, a prática da agricultura urbana ainda está resistindo, apesar das pressões. Dessa forma, além dos entendimentos e procedimentos, o engajamento dos atores também ajuda a manter a prática da agricultura urbana viva naquele contexto. Já discuti na seção 4.3 esse conflito de interesses e luta de práticas.

(19) [. . .] Mas você está vendo que tem muitos lugares aí que tá abandonado [. . .] esses abandonados mesmo, não vou falar por todos não, mas a metade deles aí é *malandragem*, é segurando terra. [. . .] (João Paulo).

O entrevistado se demonstra irritado com as pessoas que pensam que o pedaço de terra que conseguiram acesso por meio da associação pode ser deles um dia. É possível observar pela seleção lexical “*malandragem*”, que utiliza com conotação pejorativa. Em outro momento da entrevista, João Paulo demonstra seu esforço e de colegas para não deixar moradores desinteressados na agricultura “*plantar tijolos*”. A ideia central e aglutinadora dessas questões é que o entrevistado e seus colegas de prática buscam a organização do espaço urbano.

Abordei anteriormente que o engajamento em Schatzki (2008) corresponde à parte teleoafetiva do nexó. Independente do nome adotado, meu interesse é ressaltar que se trata de um elemento que demonstra os interesses dos indivíduos e uma hierarquia de valores que são

internas e os motivam para a ação. Ou mais, tem caráter normativo, ou seja, guia aquilo que convém ou não fazer dentro de uma determinada prática. No caso da horta do Granja Verde, percebe-se que só participam da prática aqueles que compartilham da mesma estrutura teleoafetiva relativa ao pertencimento no bairro, contato com a natureza, vontade de se manter ativo e associações positivas com a terra e a natureza. O fragmento discursivo 20 e 21 demonstra bem a estrutura teleoafetiva ao ilustrar como é necessário estar envolvido na mesma teia de valores para se dedicar ao trabalho na horta. A seleção lexical “*você tem que ter compromisso*” demonstra, pelo percurso semântico adotado, que depende de um gostar de “*sujar a minha mão na terra*” ou de “*pegar na enxada*”.

Apesar de Warde (2005) utilizar o termo engajamento, Schatzki (2008) diz que este é um elemento do nexa chamado de teleoafetivo, que determina para os indivíduos envolvidos na prática uma espécie de hierarquia de interesses, motivações e valores. Dessa forma, é possível identificar pela seleção lexical “*gostar*”, presente em diversas conversas com os moradores e demonstrada mais claramente pelo fragmento discursivo 21, uma característica de um elemento teleoafetivo – ou de um engajamento – que faz com que as atividades, bem como a prática, possam se perpetuar no tempo e no espaço. Nas palavras do senhor Rodrigo, falta para muitas pessoas “*identificação*” com o trabalho na terra para que o projeto da horta do bairro Granja Verde possa estar no nível desejado por ele, já que muitos abandonaram o terreno e as atividades.

(20) [. . .] Porque a maioria aqui que tá parada não é porque desanimou só. Muitos é porque não tem compromisso mesmo. Trocar as pessoas. Pôr as pessoas que têm identificação. Está faltando identificação. (Rodrigo).

(21) [. . .] para você plantar, para você gostar de um projeto desse você tem que ter compromisso com ele. Então não adianta, se eu não gosto de sujar minha mão de terra e não gosto de pegar na enxada, então eu não dou certo num projeto desse. (Rodrigo).

O nexa é, portanto, o que “cola” os elementos das práticas sociais. No caso da horta do bairro Granja Verde, os objetos, atividades e significados da prática da agricultura urbana são representados, respectivamente, pela horta e os consumos tangíveis associados, pelas formas de trabalhar na terra e pelas narrativas concernentes à prática. Porém, esses elementos soltos não formariam uma prática por si só se não estivessem “colados” pelos três componentes do nexa discutidos nesta seção: procedimentos, entendimentos e engajamentos.

A proposta de atualizar o modelo de Magaúda aplicando-o ao meu objeto de investigação não pode ser tomado como estático e imutável, pois não respeitaria a natureza

das práticas sociais. As práticas são flexíveis, adaptáveis e repletas de elementos que se influenciam mutuamente. Como uma fotografia, a Figura 4 apenas retrata um momento, um recorte de uma prática social em algum ponto do tempo-espaço. Não por acaso que os elementos muitas vezes acabam sendo muito semelhantes e se misturando nessa dinâmica. Alocar os dados de acordo com os elementos do circuito foi um trabalho de grande esforço, mas nem por isso pode ser tomado como perfeito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar estudos do consumo sob o guarda-chuva da CCT, utilizando a TP como abordagem teórica paralela, foi possível, em primeiro lugar, entender o quão frutífero pode ser a interseção dos dois campos. A TP e a CCT possuem pontos de convergência ontoepistêmicos e metodológicos, se reforçando mutuamente e se complementando quando utilizadas para observar os fenômenos do consumo. Como exemplo, cabe ressaltar a importância dos objetos de consumo para as práticas sociais e como estas impactam na configuração daqueles (Warde, 2005; Shove & Pantzar, 2005, 2007a, 2007b; Schatzki, 2008; Magaúda, 2011). Ademais, os caminhos metodológicos utilizados pelos pesquisadores da TP e da CCT são muito semelhantes, utilizando abordagens de viés fenomenológicos e dando relevância à voz do indivíduo como agente social.

Não é diferente as pesquisas envolvendo as RAAs e a AUP. Verificamos que as abordagens metodológicas utilizadas nesses casos são semelhantes a que defini neste trabalho e que, inclusive, há uma corrente de interseção entre a TP e as RAAs. Nos casos brasileiros, que é semelhante aos estudos na América Latina e em países em desenvolvimento, essa abordagem se torna reveladora por resgatar questões como geração de renda, promoção de saúde e melhoria no sentimento de se sentir bem de comunidades periféricas. Não podemos nos esquecer, ainda, que a alimentação é a forma mais elementar de consumo (Wilk, 2004) e a forma como os atores sociais se organizam para garantir o provimento alimentar altera importantes estruturas de mercado.

A TP, seja por meio da estruturação de Giddens ou pelo *habitus* de Bourdieu, dá ao agente um papel de equilíbrio em relação à estrutura. Esta pode ser fonte de coerção para o agente, mas também permite sua ação (Giddens, 2013). Por outro lado, após sua “virada empírica” a TP se colocou como importante “mirante” de observação para olhar o consumo e a relação dos objetos com a vida dos indivíduos, principalmente no vulgar e nas minúcias do cotidiano. Este aspecto é fundamental para os pesquisadores das ciências sociais, pois é a partir do micro, das minúcias e dos detalhes que se pode entender o macro, como avalia Giddens (2013), muito pautado por Ervin Goffman. Em contrapartida, a literatura referente às RAAs também evidencia o papel do indivíduo como transformador das estruturas de mercado para que possam garantir sua saúde, bem-estar e acesso a uma alimentação de qualidade.

Esta dissertação, ao se utilizar da convergência de tais literaturas para desvendar as práticas dos consumidores do bairro Granja Verde que produzem seus alimentos a partir da horta comunitária, buscou entender como acontece o fenômeno localizado e como esses

consumidores têm suas vidas transformadas por meio das práticas sociais. Extraímos como resultado alguns achados, que foram divididos em três categorias e, em seguida, desvendamos o circuito da prática, ou seja, como os objetos, atividades e significados se relacionam em uma cadeia de acontecimentos até formar a prática da agricultura urbana naquele contexto.

Em primeiro lugar, há uma melhoria na saúde dos consumidores envolvidos, possível de se verificar de formas tangíveis, como demonstram relatos de melhorias em diagnósticos. Consegui, no tempo em que passei no local, recolher relatos, por exemplo, de melhoras em casos de obesidade, diabetes, pressão arterial alta, depressão e arritmia cardíaca. Não é possível identificar se essa melhoria se dá pela ingestão dos alimentos produzidos ou pela atividade na horta em si. Contudo, o local possui papel central nessa mudança e os discursos reforçam essa ideia a todo momento, como se, incrustada em um meio urbano e industrial insalubre, a horta funcionasse como um “oásis” ou como uma entidade que tivesse poder de cura quando há envolvimento com ela.

O segundo ponto diz respeito ao estado de se sentir bem que, com bastante segurança, na visão dos entrevistados, trata-se de um ganho, porém impossível de se verificar de forma tangível. Como disse em outros pontos do trabalho, deliberadamente me recusei a utilizar o lexical “bem-estar”, pelo desgaste que traz e por não inserir o sentimento do indivíduo no centro da análise. Ao me referir ao *sentir* bem do consumidor, me interessei apenas no que *para ele* significa esse estado. E o que me foi relatado é que a horta dá a esses indivíduos essa possibilidade de se sentir bem seja pela socialização proporcionada, pelo sentimento de “estar na roça”, de escutar os passarinhos, de ver uma planta crescer como parte do seu trabalho, de estar em atividade, de relaxar após muito suar ou pelo conjunto de todos esses fatores. Apesar de utilizar aqui a divisão entre melhorias na saúde e no estado de se sentir bem, cabe ressaltar que os consumidores não fazem essa distinção claramente, parece haver uma conexão com a saúde e o sentimento de fundo geral. Corpo e mente se misturam.

Em terceiro lugar, foi possível identificar o esforço de resistência dos consumidores ativos na produção dos seus alimentos em meio a diversos conflitos de interesses. São esses indivíduos que fazem com que a prática da agricultura urbana no bairro Granja Verde possa se dispersar pelo tempo-espço. É preciso uma força para se manter produzindo e esse esforço depende de um *gostar* e de uma hierarquia de valores aderentes à prática. Esse ponto é especialmente interessante por demonstrar que uma prática depende do nexo para se manter ativa, como demonstra a literatura, principalmente por meio de Warde (2005) e Schatzki (2008). O nexo, composto por entendimentos, regras e engajamento (ou estrutura teleoafetiva), é responsável por manter a prática viva.

Outro elemento que passa transversalmente pelas categorias anteriores e relacionado diretamente ao tema das RAAs é que há uma consolidação da narrativa antissistema industrial. É possível observar em diversos momentos o valor negativo atribuído aos alimentos industriais, aos agrotóxicos presentes nos alimentos de produção agrícola e, além disso, aos remédios da indústria farmacêutica. Deixar de consumir medicamentos é um ganho que os consumidores da horta contam com orgulho. O lexical *remédio* só recebe valor positivo quando acompanhado de *natural*, *homeopático* ou termos semelhantes. Como consequência, o hábito de ingerir chás foi desenvolvido por alguns consumidores, que os produzem como que um alquimista.

A EMATER teve papel fundamental na configuração do espaço e aparece como um catalizador de significados, atribuindo sentidos e ensinando efetivamente a produzir o alimento orgânico. A EMATER também ensinou a produção de chás, disseminou o conhecimento sobre algumas plantas e suas propriedades medicinais. É possível dizer com segurança que sem esse ator a produção de alimentos no local ainda estaria sendo feita com agrotóxicos e não haveria uma disseminação da ideia do orgânico e do tamanho do conhecimento da propriedade medicinal das plantas que hoje lá está.

Ao traçar o circuito da prática para o fenômeno investigado (Figura 4), é possível ver como a configuração de um espaço pode alterar uma dinâmica de atividades e significados. No caso da horta do bairro Granja Verde, o espaço público levou para os indivíduos envolvidos uma série de transformações em suas vidas, principalmente no que diz respeito à saúde e ao estado de se sentir bem. Essas transformações se deram pela alteração das práticas sociais que eles carregam.

Nesse percurso, foi possível responder ao problema de pesquisa e atingir os objetivos propostos. Me perguntei: *como o consumidor de alimentos que produz rotineiramente parte de sua própria dieta em locais de agricultura urbana tem a vida transformada por meio das práticas sociais?* Agora posso responder que ele é recrutado por uma prática social a partir do momento em que os objetos, seja por associações positivas ou negativas, entram em suas vidas. Ao entrarem definitivamente nessa prática, há uma transformação de significados e atividades, que continuam se relacionando com os objetos. Essa relação entre objetos, significados e atividades só é possível porque quem participa da prática compartilha uma gama de entendimentos, procedimentos e de uma estrutura teleoafetiva. Ao entrar na prática, os indivíduos levam junto consigo sua carga sócio-cultural-histórica que se une à mesma carga da prática recrutadora.

Ao identificar os benefícios de um espaço público na vida dos moradores de uma determinada localidade, este trabalho pode contribuir para a criação ou melhoria de políticas públicas que pensem em formas alternativas de distribuição de frutas e hortaliças de qualidade em ambientes urbanos ou em promoção de saúde como políticas complementares ao SUS. Cabe ressaltar que é preciso um engajamento local para que esses espaços funcionem e esse quesito deve ser levado em consideração para quem for operacionalizar tal política. Além disso, o exemplo localizado do bairro Granja Verde demonstra que também é preciso disponibilidade de tempo pelos praticantes. Empresas sociais ou organizações não governamentais que porventura queiram explorar esse vácuo deixado pelos agentes públicos podem se utilizar da abordagem das práticas sociais para, por exemplo: 1) entender como transformar práticas prejudiciais à saúde em práticas benéficas; 2) criar equipamentos públicos que possam se manter no tempo-espaço como indutor de práticas sociais benéficas; 3) transformar a saúde e o sentimento de estar bem de indivíduos por meio de práticas de agricultura ou; 4) utilizar a abordagem das práticas para recrutar novos praticantes. Essas possibilidades não se esgotam aqui, e estes são apenas exemplos possíveis.

Não obstante, empresas de finalidade privada que atuam com a comercialização de alimentos orgânicos, ao entenderem melhor a dinâmica das práticas sociais envolvidas no consumo alimentar, podem elaborar estratégias mais eficazes para recrutar novos consumidores. Ao inserir um novo objeto na rotina de consumidores de alimentos industriais, é possível que se desenvolva uma cadeia de significados e atitudes até à consolidação de uma nova prática, assim como acontece com o circuito da prática.

Arriscaria ainda a sugerir um impacto deste trabalho na extensão universitária, já que uma abordagem semelhante ajudaria a lançar luz sobre poder do consumo – seja de produtos ou serviços – de “puxar” os indivíduos para uma transformação em suas vidas. Seriam consequências impremeditadas do consumo a alteração de significados, entendimentos, atividades, valores, etc. Ao estudar (e atuar em) um contexto localizado periférico, a academia poderia estimular projetos que ajudassem a equilibrar as desigualdades sociais. Falando como aluno da PUC Minas, nada mais adequado e coerente.

Do ponto de vista teórico, cobri três lacunas realizando esta investigação. A primeira delas, a atualização do modelo do circuito da prática de Magaúda, acrescentando a ele os elementos do nexos que são discutidos na TP. Também acrescentei à teoria nacional sobre a AUP a lente teórica da TP, como já acontece na literatura internacional. Por fim, a Figura 1 traz um esquema inédito que ajuda a entender as nuances da TP, fazendo a junção do micro com o macro que discuti na revisão da teoria.

O esquema da Figura 1 pode servir de guia para pesquisadores que queiram utilizar a TP como estratégia de abordagem em trabalhos empíricos. O esquema foi criado tendo como base autores seminais que tratam da TP e autores mais recentes que deram à teoria sua roupagem empírica. O esquema teórico pode ser observado por partes, dependendo do objeto pesquisado. Caso o pesquisador queira, por exemplo, investigar algum tipo de consumo e suas variedades em outros contextos, ele poderia se utilizar da parte esquerda do esquema, que é a prática enquanto entidade. Já em casos localizados, como neste trabalho, pode-se explorar a parte direita, que é a prática enquanto performance que, no seu nível micro, foi atualizada com os elementos do nexu. Pesquisas que queiram abordar o macro e o micro, explorando contextos distintos, podem se apropriar de todo esquema para melhor entender o fenômeno.

Já sobre o novo circuito da prática proposto, inserir nesse esquema os dados que emergem do campo em investigações empíricas pode auxiliar a separá-los, criar novas categorias antes ocultas ao pesquisador ou, até mesmo, auxiliar no entendimento completo do fenômeno da prática enquanto performance.

Dentre as limitações que enfrentei, uma delas diz respeito à baixa quantidade de minutos gravados de entrevistas. Isso ocorreu pelo fato dos entrevistados terem se mostrado um pouco arredios, já que no espaço há conflitos de interesses e até mesmo ameaças de alguns moradores insatisfeitos. Por outro lado, como compensação, explorei o método de observação participante e as anotações no diário de campo como fontes para análise dos dados. Outra limitação se deu pela dificuldade de encontrar mais entrevistados, pois hoje poucos mantêm suas atividades regulares no local. Além disso, os conflitos existentes no bairro faziam com que, algumas vezes, os entrevistados dessem respostas evasivas, o que demandou da minha parte grande esforço para criar confiança. O presidente da associação que administra a horta, por exemplo, dificilmente respondia aos meus pedidos para que pudéssemos conversar e, quando fazia, era evasivo. O resultado foi que não o entrevistei.

Outros estudos podem ser realizados por pesquisadores interessados em explorar as potencialidades do esquema da Figura 1, como, por exemplo, a prática enquanto entidade e sua capacidade de adotar performances distintas dependendo do contexto. Um estudo dessa natureza poderia ser realizado (para nos mantermos no contexto do consumo de alimentos) para entender como se dá o consumo de orgânicos (e todas as atividades, significados e objetos envolvidos) em contextos de baixa renda, comparando com contextos de alto poder aquisitivo. Não obstante, a utilização do esquema pode extrapolar as questões alimentares e ser utilizado para entender o consumidor de produtos que são produzidos em contextos distintos do seu. Por exemplo, pode ser interessante que empresas multinacionais com sede no

exterior queiram entender quais as práticas do consumidor brasileiro podem ser exploradas ou transformadas para que possam melhor adequar sua comunicação ou seus produtos e, assim, escoar mais facilmente seus produtos para o mercado nacional.

Por outro lado, foi relatado pelos entrevistados nesta pesquisa uma horta comunitária na cidade de Sete Lagoas/MG, onde os moradores de Betim foram entender o funcionamento para estruturar o espaço do bairro Granja Verde. Pode ser enriquecedor e, porque não, complementar, realizar um estudo nos moldes do que foi feito aqui para entender se as práticas desenvolvidas nos dois contextos (cidades de Sete Lagoas e Betim) possuem significados, atividades e objetos semelhantes e, além disso, se o nexos que estrutura a prática possui a mesma estrutura teleoafetiva, regras e entendimentos.

Pelos dados coletados, o aspecto estético relacionado ao consumo dos alimentos orgânicos produzidos na horta comunitária surgiu de forma periférica. Contudo, uma pesquisa desenhada de forma a captar exatamente a relação dos consumidores com o sabor desses alimentos poderia desvendar um caminho sensorial relacionado ao consumo alimentar cujos resultados também podem ter aplicabilidade gerencial. Igualmente periféricas foram as questões relacionadas ao ato de cozinhar, que não foram o foco da minha dissertação. Um trabalho utilizando a TP como lente teórica poderia entender como o consumo de alimentos de produção própria impactam a rotina de preparo de alimentos dos consumidores. Como foi verificado aqui, há um certo culto ao ver as “*plantinhas*” crescendo e este zelo e contemplação podem ter impacto na forma de preparo ou, até mesmo, na percepção de sabor.

Um tema íntimo ao das RAAs e não explorado aqui devido ao recorte que propus, diz respeito aos *desertos alimentares*. O trabalho de Truchero (2015) faz uma revisão bibliográfica sobre o tema, que tem sua origem no contexto político britânico nos anos 1990 para tratar de regiões onde há dificuldade geográfica de acesso a comércios que forneçam alimentos saudáveis e pouco processados, como orgânicos, frutas e hortaliças. A autora, contudo, argumenta sobre a fragilidade da questão meramente geográfica para definir um deserto alimentar, já que no meio urbano as distâncias podem ser encurtadas pelo transporte público, por exemplo. Assim, outras questões sobre a busca por alimentos pouco processados entram no radar, como as sociais, econômicas e culturais. E é aqui que este tema pode ser valioso à CCT, que extrapolaria as barreiras físicas e econômicas de acesso aos alimentos saudáveis para tratar de questões culturais. Outras pesquisas também podem explorar as RAAs como uma solução para ocupar esse “deserto” e se utilizar da abordagem da TP para entender como seria possível transformar, com a inserção de um comércio ou equipamento

urbano, práticas anteriores de consumo de alimentos ultra processados em práticas mais saudáveis de consumo de alimentos pouco ou não processados.

Referências

- Aquino, A. M., Assis, R. L. (2007). Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. *Ambiente e Sociedade*, 10(1), 137-150.
- Araújo, E. C., Machado, F. D. T. (2018). Agricultura urbana e políticas públicas: exigências da cidade contemporânea. In J. A. R. G. Rosin, N. R. T. Constantino & S. M. Benini (Orgs.), *Cidade, resiliência e meio ambiente*. (pp. 163-179). Tupã/SP: ANAP
- Arnould, E., Thompson, C. (2005). Consumer Culture Theory (CCT): Twenty years of research. *Journal of Consumer Research*, 31, 868-882.
- Arnould, E., Thompson, C. (2007). Consumer Culture Theory (and we really mean theoretics): Dilemmas and opportunities posed by an academic branding strategy. *Consumer Culture Theory*, 11, 3-22.
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. (2a ed.). São Paulo: WMF Martins fontes.
- Bauer, M. W., Gaskell, G., Allum, N. C. (2002). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (7a ed.). (pp. 17-35). Petrópolis: Vozes.
- Belk, R., Casotti, L. M. (2014). Ethnographic research in Marketing: Past, present, and possible futures. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(6), 1-17.
- Berger, P., Luckmann, T. (1991). *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. London: Penguin Books.
- Borelli, F. (2012). A Practice Theory e o estudo do consumo: reforçando o chamado de Alan Warde. In *V Encontro de Marketing da ANPAD - EMA* (pp. 1-11). Curitiba.
- Bourdieu, P. (2011). The forms of capital. (1986). *Cultural Theory: An anthology*, 1, 81-93.
- Bourdieu, P. (2000). Making the economic habitus: Algerian workers revisited. *Ethnography*, 1(1), 17-41.
- Branco, M., Alcântara, F. (2011). Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira? *Horticultura Brasileira* 29, 421-428.
- Brandão, H. H. N. (2006). *Analisando o discurso*. Portal da Língua Portuguesa. São Paulo: Fundação Roberto Marinho.
- Burrell, G., Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis*. London: Heinemann Educational Books.
- Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional. (2018). *II Plano nacional de segurança alimentar e nutricional: PLANASAN 2016-2019 revisado*. Brasília: CAISAN.

- Cassol, A., (2014). Mercados alimentares locais: valores, interação social e instituições. In *Anais, 7 Encontro Nacional de Estudos do Consumo* (pp. 1-20), Rio de Janeiro.
- Comassetto, B. H., Solalinde, G. P., Souza, J. V. R., Trevisan, M., Abdala, P. R. Z., Rossi, C. A. V. (2012). Nostalgia, anticonsumo simbólico e bem-estar: a agricultura urbana. *RAE*, 53(4), 364-375.
- Creswell, J. (2009). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. São Paulo: Bookman.
- Crivits, M., Paredis, E. (2013). Designing an exploratory practice framework: Local food systems as a case. *Journal of Consumer Research*, 13(3), 306-336.
- Costa, A., Rezende, D. (2017). Teoria da prática em estudos de consumo: uma proposta de utilização dos elementos das práticas como categorias de análise. In *XLI Encontro da ANPAD* (pp. 1-16). São Paulo.
- Costa, C., Garcia, M., Ribeiro, S., Salandini, M., Bógus, C. (2015). Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em Unidades Básicas de Saúde. *Ciência & Sociedade Coletiva*, 20(10), 3099-3110.
- Darolt, M., Lamine, C., Brandenburg, A., Alencar, M., Abreu, L. (2016). Redes Alimentares Alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. *Ambiente & Sociedade*, 19(2), 1-22.
- Elliott, R. (1996). Discourse analysis: Exploring action, function and conflict in social texts. *Marketing Intelligence & Planning*, 14(6), 65-68.
- Fusch, P., Ness, L. (2015). Are we there yet? Data saturation in qualitative research. *The qualitative report*, 20(9), 1408-1416.
- Gaskell, G. (2015). Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (7a ed.). (pp. 64-88). São Paulo: Vozes.
- Giddens, A. (2013). *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Gill, R. (2003). Análise do Discurso. In: G. Gaskell, M. Bauer (Orgs.), *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som: um manual prático*. (7a ed.). (pp. 244 - 271). São Paulo: Vozes.
- Goodman, D. (2002). Rethinking food production-consumption: Integrative perspectives. *Sociologia Ruralis*, 42(4), 271-277.
- Goodman, D. (2004). Rural Europe redux? Reflections on Alternative Agro-Food Networks and paradigm change. *Sociologia Ruralis*, 44(1), 3-16.
- Goodman, D., DuPuis, M., Goodman, M. (2014). *Alternative Food Networks: Knowledge, practice, and politics*. New York: Routledge.

- Google Maps. [terreno da horta comunitária do bairro Granja Verde, Betim/MG]. Recuperado em 16 de Novembro, 2018, de: <https://www.google.com.br/maps/place/Granja+Verde,+Betim+-+MG/@-19.9318189,-44.1026928,295a,35y,270h/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xa6eaa8f1d3f66f:0x35961ba1e5ef248!8m2!3d-19.9308943!4d-44.104349>.
- Gram-Hanssen, K. (2011). Understanding change and continuity in residential energy consumption. *Journal of Consumer Research*, 11(1), 61-78.
- Grosplik, R. (2017). Citizen-consumer revisited: The cultural meanings of organic food consumption in Israel. *Journal of Consumer Culture*, 17(3), 732-751.
- Halkier, B., Katz-Gerro, T., Martens, L. (2011). Applying practice theory to the study of consumption: Theoretical and methodological considerations. *Journal of Consumer Culture*, 11(1), 3-13.
- Hampton, S. (2018). 'It's the soft stuff that's hard': Investigating the role played by low carbon small- and medium-sized enterprise advisors in sustainability transitions. *Local Economy*, 33(4), 384-404.
- Hinrichs, C. (2000). Embeddedness and local food systems: Notes on two types of direct agricultural market. *Journal of Rural Studies*, 16, 295-303.
- Huttunen, S., Oosterveer, P. (2016). Transition to sustainable fertilization in agriculture, a practices approach. *Sociologia Ruralis*, 57(2), 191-210.
- Kontothanasis, G. (2017). Social practices or urban agriculture in the metropolitan region of Thessaloniki. *Procedia Environmental Sciences*, 38, 666-673.
- Krom, M. (2014). Governing animal-human relations in farming practices: A study of group housing of shows in EU. *Sociologia Ruralis*, 55(4), 417-437.
- Latour, B. (1996). On interobjectivity. *Mind, Culture and Activity*, 3(4), 228-245.
- Leggett, A. (2017). Bringing green food to the Chinese table: How civil society actor are changing consumer culture in China. *Journal of Consumer Culture*, 0(0), 1-19.
- Lopes, A., Menezes, M., Araújo, M. (2017). O ambiente alimentar e o acesso a frutas e hortaliças: "uma metrópole em perspectiva". *Saúde e Sociedade*, 26(3), 764-773.
- Magaudda, P. (2011). When materiality 'bites back': Digital music consumption practices in the age of dematerialization. *Journal of Consumer Culture* 11(1), 15-36.
- Maye, D., Kirwan, J. (2010). Alternative food networks. *Sociopedia.isa*.
- Misoczky, M. C. (2014). Ciência e política na obra de Pierre Bourdieu. In: E. M. Souza (Org.) *Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. (pp. 93-122). Vitória: Edufes.
- Orlandi, E. P. (1995). Texto e discurso. *Organon*, 9(23), 1-8.

- Orlandi, E. P. (2003). A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. *Seminário de Estudos em Análise de Discurso*, 1, 8-18.
- Pinto, M. R., Batinga, G. L. (2018). Por que cultura e consumo no Brasil? In M. R. Pinto & G. L. Batinga. *Cultura e consumo no Brasil: estado atual e novas perspectivas*. (pp. 12-30). Belo Horizonte: Editora PUC Minas.
- Pinto, M. R., Santos, L. L. S. (2008). Em busca de uma trilha interpretativista para a pesquisa do consumidor: uma proposta baseada na fenomenologia, na etnografia e na *grounded theory*. *RAE - eletrônica*, 7(2).
- Paddock, J. (2017). Household consumption and environmental change: Rethinking the policy problem through narratives of food practice. *Journal of Consumer Research*, 17(1), 122-139.
- Reckwitz, A. (2002a). Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, 5(2), 243-263.
- Reckwitz, A. (2002b). The status of the “material” in theories of culture: From “social structure” to “artefacts”. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 32(2), 195-217.
- Ribeiro, S., Bógus, C., Watanabe, H. (2015). Agricultura urbana agroecológica na perspectiva da promoção da saúde. *Saúde & Sociedade*, 24(2), 730-743.
- Røpke, I. (2009). Theories of practice - new inspiration for ecological economic studies on consumption. *Ecological Economics*, 68, 2490-2497.
- Santos, L. L. S., Silveira, R. A. (2015). Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. *Organização & Sociedade*, 22(72), 79-98.
- Saraiva, L. A. S. (2009). Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Sassatelli, R., Davolio, F. (2010). Consumption, pleasure and politics: Slow Food and the político-aesthetic problematization of food. *Journal of Consumer Culture*, 10(2), 202-232.
- Schatzki, T. (1993). Wittgenstein + Heidegger on the stream of life. *Inquiry*, 3, 307-328.
- Schatzki, T. (2008). *Social practices: A Wittgensteinian approach to human activity and the social*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schouten, J., McAlexander, J. (1995). Subcultures of consumption: An ethnography of the new bikers. *Journal of Consumer Research*, 22, 43-61.
- Sherry, J. F. (2006). Fielding Ethnographic Team: Strategy, implementation and evaluation. In R. Belk (Org.), *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing*. (pp. 268-276). Northampton: Edward Elgar Publishing.

- Shove, E., Pantzar, M. (2005). Consumers, producers and practices: Understanding the invention and reinvention of nordic walking. *Journal of Consumer Culture*, 5(1), 43-64.
- Shove, E., Pantzar, M. (2007a). Fossilisation. *Ethnologia Europaea*, 35(1-2), 59-62.
- Shove, E., Pantzar, M. (2007b). Recruitment and reproduction: The careers and carriers of digital photography and floorball. *Human Affairs*, 17(2), 154-167.
- Shove, E., Southerton, D. (2000). Defrosting the freezer: From novelty to convenience - a narrative of normalization. *Journal of Material Culture*, 5(3), 301-319.
- Silva, F. R. R. (2014). Entre a epistemologia e a ontologia: a teoria da estruturação de Anthony Giddens. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 26(2), 123-136.
- Souza, M. M. P., Carrieri, A. P. (2014). A análise do discurso em estudos organizacionais. In: E. M. Souza (Org.) *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. (pp. 65-90). Vitória: Edufes.
- Spaargaren, G., Koppen, K., Janssen, A., Hendriksen, A., Kolfshoten, C. (2013). Consumer responses to the carbono labelling of food: A real life experimente in a canteen practice. *Sociologia Ruralis*, 53(4), 432-453.
- Thiry-Cherques, H. (2006). Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *RAP*, 40(1), 27-53.
- Trees, R., Dean, D. (2017). Physical and emotional nourishment: Food as the embodied componente of loving care of elderly family relatives. *European Journal of Marketing*, 52(12), 2405-2422.
- Truchero, G. R. (2015). El acceso a la alimentación: el debate sobre los desiertos alimentarios. *Investigación & Desarrollo*, 23(12), 391-415.
- Vedovato, G. M., Trude, A. C. B., Kharmats, A. Y., Martins, P. A. (2015). Degree of food processing of household acquisition patterns in a Brazilian urban area is related to food buying preferences and percieved food environment. *Appetite*, 87, 296-302.
- Veen, E. J. (2015). *Community gardens in urban areas: a critical reflection on the extent to which they strengthen social cohesion and provide alternative food*. Wageningen: Wageningen University.
- Veen, E. J., Derkzen, P., Visser, A. J. (2015). Shopping versus growing: Food acquisition habits of Dutch urban gardeners. *Food and foodways: explorations in the history and culture of human nourishment*, 22(4), 268-299.
- Warde, A. (2005). Consumption and Theories of Practice. *Journal of Consumer Culture*, 5(2), 131-153.
- Warde, A. (2014). After taste: Culture, consumption and theories of practice. *Journal of Consumer Culture*, 14(3), 279-303.

Wilk, R. (2004). Morals and metaphors: the meaning of consumption. In K. Ekström & H. Brembeck (Orgs.), *Elusive Consumption*. (pp. 11-26). Oxford: Berg Publishers.

Winick, C. (1961). Anthropology's contributions to marketing. *Journal of Marketing*, 25(5), 53-60.

Zwart, T., Mathijs, E., Avermaete, T. (2016). Can Alternative Food Networks contribute to a transition towards sustainability in Flanders: assessing the marketing functions of Voedselteams. *Bioeconomics Working Paper Series*, (6), 1-33.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista final

Engajamento nas práticas

- Por que ingressou? qual o interesse inicial?
- Por que que a ideia inicial foi plantar, e não outra coisa?
- Já chegou a querer desistir?
- Na sua opinião por que muitos não seguiram adiante?

Inserção (negociação) das práticas

- Conte um pouco mais sobre como foi o trabalho da EMATER e do SENAR no começo. O que você aprendeu, o que mudou, qual a importância, e etc.
- E a CEMIG?
- E a Prefeitura, como foi?
- As pessoas pararam de jogar lixo nas ruas ou ainda jogam em outros locais? Se conscientizaram?
- Tentaram parcerias com a MRV, como foi? (o Sr. Rogério passa por isso)
- Teve alguma outra parceria importante, mesmo que não tenha vingado?

Questões “espirituais”

- No geral, o que mudou na sua vida depois da horta?
- O que a horta te proporciona hoje?
- Por que você se mantém ativo e outros não?
- O que te motiva no envolvimento com a horta?
- Se você não estivesse aqui envolvido, o que estaria fazendo? e seus vizinhos?

Perguntas gerais e mais metafóricas

- Retirando a horta da sua vida hoje, o que mudaria?
- A cidade deveria ter mais espaços como esse? Por que?

Noções de saúde e interesse por caminhos alternativos

- Você adquiriu muito conhecimento após o envolvimento? exemplo.
- Você acredita que a horta está relacionada com questões relativas à saúde.
- Conte um pouco sobre o envolvimento da horta com a farmácia homeopática de Betim. Você aprendeu algo fornecendo para eles?

Caso surja questões relativas à saúde, explique um pouco mais sobre o histórico de saúde antes e depois.

Caso surja questões relativas à sociabilidade, explique como era antes, em outros bairros, e é agora?